



V SEMANA AFRO-PARAIBANA

**TEMA: Linguagens, interdisciplinaridades e práticas antirracistas:
diálogos Afro-diaspóricos na Paraíba/Brasil/África**

ANAIS DA V SEMANA AFRO-PARAIBANA RESUMOS



V SEMANA AFRO-PARAIBANA
TEMA: Linguagens, interdisciplinaridades e práticas antirracistas: diálogos
Afro-diaspóricos na Paraíba/Brasil/África

ANAIS DA V SEMANA AFRO-PARAIBANA
RESUMOS

ISSN 2316-2937

João Pessoa-PB
18,19,20 e 21 de março de 2025

Núcleo de Estudos e Pesquisas Afrobrasileiros e Indígenas
(NEABI/CCHLA/UFPB)

Layout e Editoração Eletrônica:

Thais Vital dos Santos, Mojana Vargas Correia da Silva e
Solange P. Rocha

Logomarca:

Thais Vital dos Santos

Ilustração da Capa:

Thais Vital dos Santos

Editoração e Organização de Anais da V Semana Afro-Paraibana - Resumos

Thais Vital dos Santos
Solange P. Rocha
Mojana Vargas Correia da Silva

Todos os direitos reservados aos/às autores/as.

**Revisão ortográfica e gramatical é da responsabilidade dos/as Autores/as dos Resumos.
A Comissão Editorial se responsabilizou apenas pela formatação dos textos.**



Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Campus
Universitário I, Jardim Cidade Universitária CEP -58.059-900, João Pessoa –PB.

Reitora: Dra. Teresinha Domiciano Dantas Martins

Vice-reitora: Dra. Mônica Nóbrega

Diretor do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes: Dr. Rodrigo Freire de Carvalho e
Silva

Vice-Diretora do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes: Dra. Thaís Augusta
Cunha de Oliveira Máximo

Realização:

Núcleo de Estudos e Pesquisas Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI/CCHLA/UFPB)

Comissão Organizadora:

Prof^ª Dr^ª Mojana Vargas Correia da Silva

Prof. Dr. Diego dos Santos Reis – UFPB

Prof. Dr. José Antonio Novaes da Silva – UFPB

Prof^ª. Dra. Maria Luzitana Conceição dos Santos [Luz Santos] - UFPB

Prof^ª. Dra. Solange Pereira Rocha – UFPB

Prof. Me. Thiago Brandão da Silva – Professor da rede municipal João Pessoa

Filipe Ferreira Andrade de Souza – Graduando UFPB

Rickelmy Silva Rodrigues – Graduando UFPB

Comissão Científica:

Prof. Dr. Diego dos Santos Reis – UFPB

Prof. Dr. Elio Chaves Flores – UFPB

Prof. Dr. Lucian Souza da Silva – UFPB

Prof^ª. Dra. Maria Luzitana Conceição dos Santos [Luz Santos] – UFPB

Prof^ª. Dra. Mojana Vargas Correia da Silva – UFPB

Ms. Rosa Maria Marques – NEABI/UFPB e Rede de Mulheres Negras de Pernambuco

Prof^ª. Dra. Surya Aaronovich Pombo de Barros – UFPB

Profª. Dra. Solange Pereira da Rocha – UFPB

Prof. Me. Thiago Brandão da Silva – PPGH/UFPB e Professor da Rede Estadual da Paraíba

Monitores:

Lucas Lacerda de Azevedo

Tacyana Pereira Medeiros

Thalissa Batista de Melo

Wesley Barbosa Rosendo

Yasmin da Silva Soares

Setores da UFPB:

Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - CCHLA

Centro de Ciências Sociais Aplicadas - CCSA

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	8
PROGRAMAÇÃO.....	9
GT 01 - Educação, Experiências Pedagógicas e Educação Antirracista e Quilombola.....	14
FIOS DE RESISTÊNCIA: A Contribuição da Capoeira Angola Palmares para a Educação Antirracista.....	14
A educação antirracista em casas de acolhimento no município de João Pessoa/PB.....	15
PEDAGOGIA GRIÔ: ações afrocentradas na busca pela educação antirracista.....	16
ENSINO DE HISTÓRIA DA ÁFRICA E DOS AFRICANOS: uma análise do volume do 7º ano da Coleção História, Sociedade e Cidadania (2024-2027).....	17
MURALISTAS ÀS MARGENS: A linguagem do pixo extravasando o higienismo e colonialismo intelectual.....	18
A URGÊNCIA DA FORMAÇÃO ANTIRRACISTA NO SERVIÇO SOCIAL: Relato de Experiência acerca da prática profissional analisada através do estágio supervisionado obrigatório.....	19
Corpo e memória que dançam pelo tempo e espaço o côco de Zambê enquanto ferramenta prático pedagógica para a promoção de uma educação antirracista.....	19
RECONHECIMENTO À DIVERSIDADE E DESAFIOS: Reflexões sobre a aplicação da Lei 10.639/03, em uma escola do município de Juripiranga/PB.....	20
A ESCRITA CIENTÍFICA: Estratégia de enfrentamento ao racismo no campo da educação	21
OS VALORES AFRO-CIVILIZATÓRIOS E O ETNOTURISMO NO QUILOMBO DE CAIANA DOS CRIoulos (PB): caminhos na educação para relações étnico-raciais.....	22
EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: Análise do Processo de Formação Continuada Docente na Perspectiva do Letramento Racial em uma Escola Quilombola Urbana.....	23
CUMÉ QUE É? Enegrecendo incidências políticas no Quilombo de Caiana dos Crioulos.....	24
GT 02 - Literaturas e Expressões Artísticas Afro-Brasileiras.....	26
Representações da infância na obra Menina de Fogo, de Taylane Cruz.....	26
Entre a escuta e a escrevivência - Reflexões de "Insubmissas Lágrimas de Mulheres" de Conceição Evaristo.....	26
DESMANANDO TEIAS, ENTRELACANDO VIDAS: Interseccionalidade em A Cega e a Negra - uma fábula de Miriam Alves.....	27
Representação temporal afrodiáspórica em “Nada digo de ti, que em ti não veja”, de Eliana Alves Cruz.....	28
BRANQUITUDE À DERIVA: O privilégio branco em "Maréia", de Miriam Alves.....	29
Imagens de resistência: Iconografia e memória na obra de Rosana Paulino.....	29
TLANGANO: Escritas poéticas incorporadas em um teatro-encontro.....	31
As expressões culturais não-ocidentais presentes no desenho animado O irmão do Jorel.....	31
DIANTE DA IMAGEM: Santa Rosa e a Aquarela Modernista.....	32
IMAGEM COMO LINGUAGEM E DOCUMENTO HISTÓRICO: O negro no imaginário social brasileiro.....	33
A representação do negro no cinema brasileira e o ensino da história e cultura afro-brasileira... 34	
QUANDO CANTO, RESISTO: Racionais Mcs, o rap como instrumento de resistência a partir do pacto narcísico da branquitude de Cida Bento e da Política de morte de Achille Mbembe.....	35

Script em Pretuguês: entre narrativas ficcionais e a história social das mulheres negras no desenvolvimento de roteiro para o audiovisual.....	36
VOZES ANCESTRAIS: Identidade, memória e resistência em “Maréia”, de Miriam Alves.	36
DA BRINCADEIRA À RESISTÊNCIA: o coco de roda como estratégia organizativa de luta..	37
GT 03 - Branquitude, Epistemologias Negras e Decoloniais e Ações Afirmativas.....	40
O PACTO SILENCIOSO DO PRIVILÉGIO: O Pacto da Branquitude e a formação antirracista.....	40
Da descolonização ao surgimento de uma nova teoria.....	41
SOCIOGÊNESE DO RACISMO E NECROPOLÍTICA: A máquina de morte contra corpos pretos no Brasil a partir da ótica de Frantz Fanon e Achille Mbembe.....	41
Contribuições da disciplina de EREER para a (in)formação antirracista de monitores da UFPB..	42
GT 04 - Condições Psico-Sociais da População Negra.....	45
EPISTEMOLOGIAS NEGRAS: Contribuições para a luta antirracista.....	45
Autocuidado e saúde mental: Práticas de resistência ao racismo e valorização da vida de mulheres negras.....	46
O percurso histórico da assistência estudantil na educação superior brasileira e seus impactos na educação da população negra.....	46
ESCUDOS E FERIDAS: A construção da autoestima negra na infância e suas marcas físico-simbólicas.....	47
GT 05 - Religiões de Matriz Africana.....	50
SINCRETISMO RELIGIOSO: Análise da participação da Comunidade Quilombola dos Daniel da festa do Rosário da cidade de Pombal/PB.....	50
Os arquétipos de Iansã na literatura e música negro-brasileira.....	51
ITAN E ENCANTAMENTOS: Oralidade e performance pelos ventos de Iansã.....	51
GT 06 - Memória, Territorialidade e Corporeidade.....	54
As narrativas da cidade-terreiro: uma visão decolonial da capital paraibana.....	54
AFROTURISMO CAMINHADA JAMPA NEGRA/ROTA SANKROTA PARAÍBA: Espaços de memórias e identidades afro-paraibanas.....	55
Apresentação de Trabalhos Literários.....	57
Linguagem, educação e resistência.....	57
Zuê e o caminho de ouro.....	57

APRESENTAÇÃO

Criado em 2012, o NEABI (Núcleo de Estudos e Pesquisas Afro-Brasileiros e Indígenas) tem a sua trajetória marcada por diversos projetos e eventos relevantes para inserir a pauta da igualdade racial na UFPB. Um desses eventos é a Semana Afro-Paraibana. Desde sua primeira edição, ocorrida em novembro de 2012 no âmbito do IV Seminário Nacional de Estudos Culturais Afro-Brasileiros, a Semana Afro-Paraibana tornou-se um marco importante do debate institucional, mas também do diálogo com a Educação Básica, sobre as políticas de promoção da igualdade racial. Ampliando esse espectro, o evento também se pautou por destacar a cada edição duas personalidades negras relevantes para a luta por igualdade, sendo sempre ao menos uma pessoa afro-paraibana.

Esta 5ª edição marcou a retomada do evento após quase uma década de interrupção. A falta de financiamento, o impacto da crise pandêmica e o interregno autoritário vivido pela UFPB durante a intervenção bolsonarista forçaram sua suspensão temporária, porém, o ativismo negro é formado por múltiplas sementes que puderam germinar novamente com o retorno da democracia ao ambiente institucional.

Sob o tema “Linguagens, interdisciplinaridades e práticas antirracistas: diálogos Afro-diaspóricos na Paraíba/Brasil/África” e com a homenagem dedicada a Lélia Gonzalez e Tomás Santa Rosa, a V Semana Afro-Paraibana recuperou o seu papel de promover a interlocução entre estudantes, professoras/as, pesquisadoras/es e ativistas de movimentos sociais que trabalham com temáticas relacionadas a educação para as relações étnico-raciais e de fomentar formação e capacitação destes mediante promoção de comunicação científica e divulgação de saberes co-criados no âmbito da interdisciplinaridade e das práticas na educação antirracista.

A V Semana Afro-Paraibana demonstrou que continua sendo um espaço potente de promoção de diálogo entre diferentes produções intelectuais, artísticas e práticas educativas, mas também de articulação política antirracista. Este volume procura reúne parte dessa produção, com o objetivo de divulgar o conhecimento co-criado por todos esses segmentos, para seguir na projeção da produção intelectual afro-paraibana e no fomento e ampliação da luta institucional e, sobretudo, social, por igualdade.

João Pessoa, maio de 2025.

PROGRAMAÇÃO

18 de março de 2025 (terça-feira)

16h às 18h: CREDENCIAMENTO - Auditório 211 CCSA

18h às 19h: Abertura - Apresentação cultural - Auditório 211 CCSA

19h às 22h: Mesa de Abertura - Homenagens - Auditório 211 CCSA

Profª Drª Danila Aguiar - DCS/CCHLA

Profª Drª Andrea Franco - DCS/CCHLA

Prof. Dr. Élio Chaves Flores - Decano NEABI/UFPB

Prof. Thiago Brandão - Pesquisador NEABI/UFPB

19 de março de 2025 (quarta-feira)

14h às 17h: Minicursos:

1) O feminismo-marxista-antirracista da Teoria da Reprodução Social e os estudos decoloniais: diálogos para a apreensão das condições de reprodução social da população racializada como não-branca no Brasil - Profa. Rayane Noronha Oliveira (DSS-CCHLA) - Sala 220 CCSA

2) Palavra-corpo: literaturas de autorias negras - Profa. Francly Silva (DLCV-CCHLA), Profa. Eliane Silva (DCS-CCHLA) e Profa. Andrea Giordanna (DFE-CE) - Sala 222 CCSA

3) Escrivências: Travessias para uma educação antirracista - Profa. Dayana Lima (DFE-CE), Profa. Malu Stanchi (DFE-CE), Prof. Diego Reis (DFE-CE) e Prof. Yan Santos (DFE-CE) - Sala 225 CCSA

4) Imagem como linguagem e documento histórico: o negro no imaginário social brasileiro - Profs. Elio Chaves Flores (DH-CCHLA) e Thiago Brandão (DH-CCHLA) - Sala 228 CCSA

5) Mulheres negras na política - Profa. Andréa Franco (DCS-CCHLA) - Sala 233 CCSA

6) Práticas Jurídicas Antirracistas - Profa. Bruna Stéfanni (DCJ | NEP Flor de Mandacaru UFPB); Prof. Rodrigo Portela (DCJ | Kizomba: Constitucionalismo Afro-Latino-Americano UFPB); Profa. Malu Stanchi (Travessias - Grupo de Pesquisa em Filosofia e Educação Antirracista UFPB | Doutoranda em Direito - UFPE) - Sala 234 CCSA

17h às 19h: Roda de Conversa: Marcha das Mulheres Negras 2025: - Paraíba “teimosando” por Reparação e Bem Viver - Auditório 211 CCSA

19h às 22h: Roda de conversa: Lugares de memória da Paraíba - Auditório 211 CCSA - Mediação: Profa. Solange Rocha

- Durvalina Rodrigues - Abayomi-Coletiva de Mulheres Negras na Paraíba
- Marli Soares - Marcha da Negritude Unificada da Paraíba
- Maria das Graças dos Santos - Sindicato das Trabalhadoras Domésticas
- Tutu Carvalho - Movimento de Mulheres Negras na Paraíba
- Socorro Pimentel - Articulação Nacional de Psicólogas(os) Negras(os) e Pesquisadoras(es) | ANPSINEP

20 de março de 2025 (quinta-feira)

14h às 17h: Minicursos:

1) O feminismo-marxista-antirracista da Teoria da Reprodução Social e os estudos decoloniais: diálogos para a apreensão das condições de reprodução social da população racializada como não-branca no Brasil - Profa. Rayane Noronha Oliveira (DSS-CCHLA) - Sala 220 CCSA

2) Palavra-corpo: literaturas de autorias negras - Profa. Franci Silva (DLCV-CCHLA), Profa. Eliane Silva (DCS-CCHLA) e Profa. Andrea Giordanna (DFE-CE) - Sala 222 CCSA

3) Escrivências: Travessias para uma educação antirracista - Profa. Dayana Lima (DFE-CE), Profa. Malu Stanchi (DFE-CE), Prof. Diego Reis (DFE-CE) e Prof. Yan Santos (DFE-CE) - Sala 225 CCSA

4) Imagem como linguagem e documento histórico: o negro no imaginário social brasileiro - Profs. Elio Chaves Flores (DH-CCHLA) e Thiago Brandão (DH-CCHLA) - Sala 228 CCSA

5) Mulheres negras na política - Profa. Andréa Franco (DCS-CCHLA) - Sala 233 CCSA

6) Práticas Jurídicas Antirracistas - Profa. Bruna Stéfanni (DCJ | NEP Flor de Mandacaru UFPB); Prof. Rodrigo Portela (DCJ | Kizomba: Constitucionalismo Afro-Latino-Americano UFPB); Profa. Malu Stanchi (Travessias - Grupo de Pesquisa em Filosofia e Educação Antirracista UFPB | Doutoranda em Direito - UFPE) - Sala 234 CCSA

17h às 19h: Lançamento de livros - Auditório 211 CCSA

- 1) Eliseu César. Algas (1894). 2.a ed. Organização e Apresentação: Elio Flores; Petrônio Domingues; Solange Rocha. Rio de Janeiro: Malê Editora, 2024.
- 2) Nossas lembranças, (Romance). Rosivaldo Gomes de Sá Sobrinho. Viseu, 2023.
- 3) A Lei 10.639/03 nas Encruzilhadas da Educação. Andréa Giordanna A. da Silva; Ariosvalber de S. Oliveira; Ivonildes da S. Fonseca (Orgs). Ed. UEPB.
- 4) O governo da emergência: estado de exceção, guerra ao terror e colonialidade. Diego dos Santos Reis. Ed. Multifoco, 2020.
- 5) Memórias abolicionistas: genealogia decolonial da tortura no Brasil. Malu Stanchi. Ed. Lumen Juris, 2023.

19h às 22h: Mesa de debates: “Existe gestão universitária das ações afirmativas nas IES da Paraíba? A perspectiva dos Neabs - Auditório 211 CCSA
Profª Drª Ivonildes Fonseca - Vice-Reitora da UEPB
Prof. Dr. João Edson Rufino - NEABI IFPB João Pessoa
Prof. Dr. Manoel Pereira de Macedo - NEABI IFPB Cabedelo
Profª Drª Marinalva Vilar de Lima - PPGH/UFCG

21 de março de 2025 (sexta-feira) - Apresentação de Comunicação Oral

09h às 12h: Trabalhos Acadêmicos - Salas CCHLA e CE

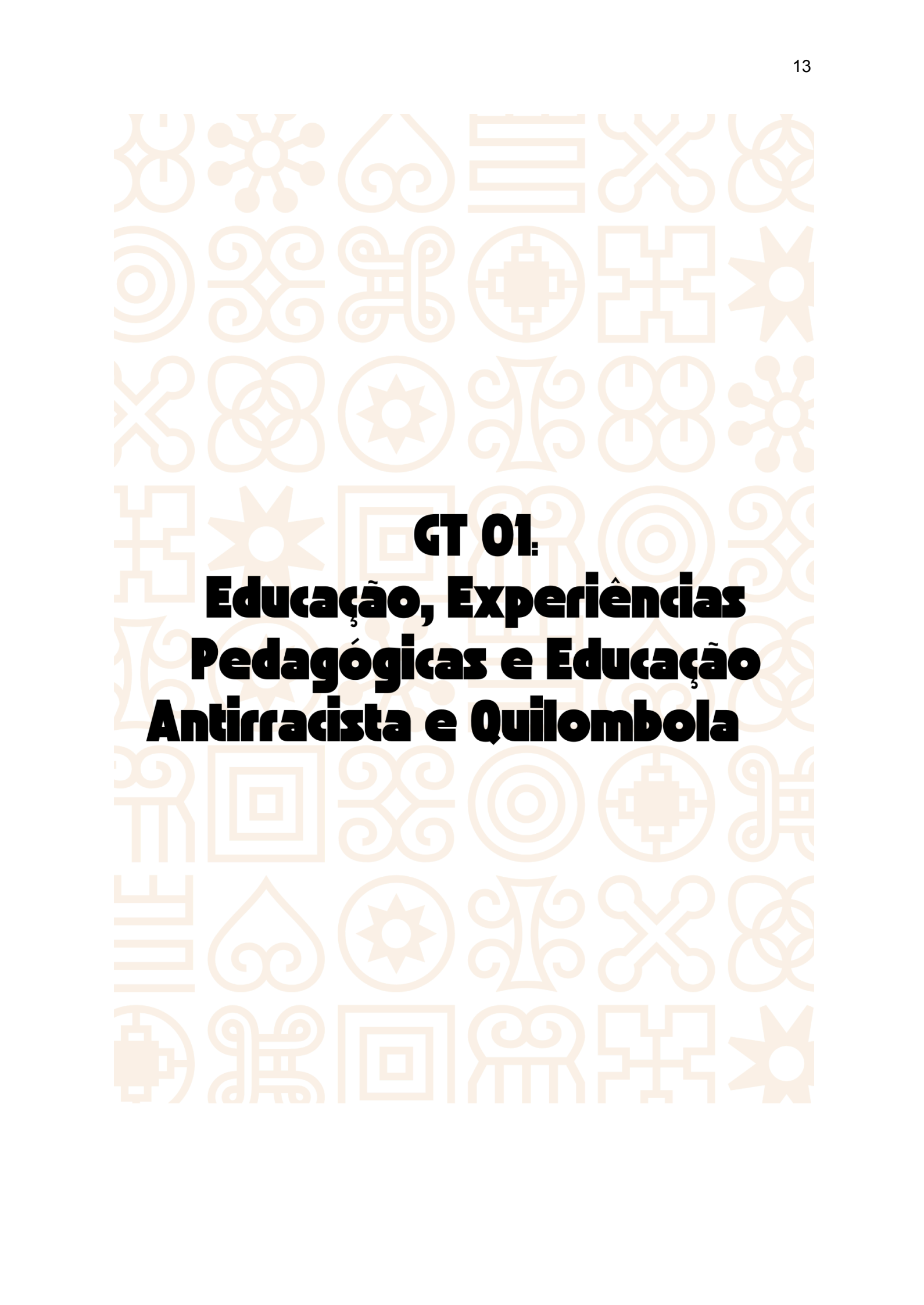
14h às 17h: Trabalhos Acadêmicos - Salas CCHLA e CE

19h às 22h: Roda de conversa: A universidade em Pretuguês [coletivos negros discentes]



Comunicações
Orais/GT e REAP
Resumos





GT 01:
**Educação, Experiências
Pedagógicas e Educação
Antirracista e Quilombola**

GT 01 - Educação, Experiências Pedagógicas e Educação Antirracista e Quilombola

Coordenação: Prof. Daniel Antiquera, Prof^a Dr^a Eliane Silva e Prof^a Dr^a Andréa Giordanna

FIOS DE RESISTÊNCIA: A Contribuição da Capoeira Angola Palmares para a Educação Antirracista

Maria de Lourdes Farias Lima
Dario Pereira João

O artigo objetiva relatar, de forma crítica e reflexiva, a experiência do/a mestre/a do Grupo Capoeira Angola Palmares, no Roger. Compreendemos que a Lei 10.639/2003 é resultado da reivindicação histórica do Movimento Negro Brasileiro (MNB), porém existem lacunas na sua implementação devido à distância das práticas educativas desenvolvidas nos movimentos sociais e culturais negros e à escola, pois não há uma valorização da diversidade cultural na abordagem dos conteúdos no currículo, desconsiderando os valores afrodiaspóricos. Em contrapartida, o MNB continua a luta de resistência e busca tecer os fios que unam as gerações, neste caso, nosso fio de resistência é a nossa experiência neste grupo. Como o Grupo tem contribuído para uma educação antirracista para crianças, adolescentes e jovens de periferia? Para tal, objetivamos: descrever as contribuições do Grupo para uma educação antirracista para as crianças, adolescentes e jovens de periferia; elencar as ações desenvolvidas pelo grupo que fortalecem a memória da cultura afro-brasileira entre as gerações; e identificar os princípios afrodiaspóricos focalizados no cotidiano do grupo; compreender como a capoeira fortalece a identidade afro-brasileira. A metodologia é pesquisa qualitativa de natureza participante. Dialogamos com Freire (2015), Gomes (2017), Brandão (1986), Abib (2017) e Trindade (2006) para a nossa fundamentação teórica, interligando as nossas percepções de mestre/a de capoeira com os estudos da capoeira, da educação popular e da educação antirracista. A experiência do Grupo, vem gingando entre os percalços, nos permitindo apresentar os seguintes resultados parciais: a valorização e o desenvolvimento da cultura negra em João Pessoa há mais de duas décadas; contribuição para a implantação do projeto Capoeira no chão da escola: gingando entre saberes, que está sendo

efetivado na rede municipal de ensino de João Pessoa, o qual foi alicerçado na experiência do Grupo Capoeira Angola Palmares na EEEF Ana Higina, no Roger. Palavras-chave: Capoeira Angola; Educação antirracista; Lei 10.639/2003; Educação Popular; Identidade afro-brasileira.

A educação antirracista em casas de acolhimento no município de João Pessoa/PB

Maria da Conceição Gomes Miranda

Nicolle Klinst Lay Moreira Simões

Glacyany Geysa da Silva

O artigo A Educação Antirracista em Casas de Acolhimento no Município de João Pessoa/PB aborda a implementação de oficinas de educação antirracista promovidas pelo Programa de Educação Tutorial (PET-Conexões de Saberes) Protagonismo Juvenil em Periferias Urbanas. Essas oficinas foram realizadas em duas casas de acolhimento na cidade de João Pessoa e surgiram da observação de comportamentos racistas e da falta de valorização dos traços físicos e culturais dos negros entre crianças e adolescentes acolhidos. O principal público-alvo do projeto são crianças e adolescentes, em sua maioria negras, que residem nessas casas temporariamente por medida protetiva. O estudo busca refletir sobre como a educação antirracista pode alterar a compreensão dessas crianças e adolescentes sobre a sociedade em que estão inseridos, promovendo o autoconhecimento e a valorização de sua identidade racial. A metodologia utilizada foi qualitativa, com a aplicação de uma ficha de identificação para coletar dados sobre os acolhidos, incluindo sua autoidentificação racial. A partir daí, foram realizadas oficinas que abordaram temas como a resistência negra durante a escravização e colonização, a miscigenação forçada e a cultura afro-brasileira. O objetivo dessas oficinas é conscientizar os participantes sobre sua identidade racial e combater a reprodução de comportamentos racistas. O texto também destaca o papel da educação antirracista nas escolas, enfatizando que, apesar da existência da Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da história da África e dos afro-brasileiros, a efetivação dessas práticas ainda é desafiadora, devido à falta de incentivo e preparo dos profissionais de educação. Assim, as oficinas buscam preencher essa lacuna, sensibilizando os participantes para questões de raça e racismo estrutural. Durante as oficinas, foram trabalhadas atividades como a confecção de murais sobre coloração e traços físicos negros, e a leitura de obras que valorizam a cultura e a história afro-brasileira, como Menina Bonita do Laço de Fita de Ana Maria Machado e O Filho de Luísa de Joel Rufino dos Santos. Essas leituras estimularam

debates sobre miscigenação, colorismo, racismo e a resistência dos povos negros no Brasil. A educação antirracista é fundamental para questionar o racismo estrutural que permeia a sociedade brasileira, afetando negativamente a autoestima e a percepção de identidade das crianças e adolescentes negros. Ao promover a valorização dos traços físicos e culturais negros, as oficinas visam fortalecer a autoestima dos acolhidos, incentivando uma visão crítica sobre o racismo que enfrentam e, muitas vezes, reproduzem. A partir dessa intervenção, espera-se que os participantes desenvolvam uma nova consciência sobre sua identidade racial, compreendendo o racismo como uma estrutura social e não como um problema individual. As oficinas são vistas como um espaço de construção de autonomia e cidadania, onde os acolhidos podem refletir sobre sua identidade e seu papel na sociedade. Em resumo, as oficinas de educação antirracista nas casas de acolhimento de João Pessoa são uma iniciativa importante para promover a conscientização racial entre crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade, contribuindo para o enfrentamento do racismo e a valorização da diversidade racial no Brasil.

PEDAGOGIA GRIÔ: ações afrocentradas na busca pela educação antirracista

Daniele do Nascimento Leandro

Ana Paula Romão de Souza Ferreira

Dario Pereira João

Esta pesquisa está alicerçada no projeto de pesquisa Programa das Licenciaturas (PROLICEN) intitulado PEDAGOGIA GRIÔ: práticas educativas interdisciplinares no combate ao preconceito racial através da Lei Federal 0.639/2003 (Capoeira e novas ações afrocentradas). Esse projeto envolve graduandos de licenciaturas, do campus I da Universidade Federal da Paraíba, e integrantes de Grupos de Capoeira. Esta comunicação foi impulsionada pelo questionamento de: como o processo de letramento racial pode contribuir para uma educação antirracista a partir da Lei 10.639/2003? O objetivo busca pesquisar ações afrocentradas para a realização de práticas antirracistas na Formação dos graduandos, capoeiristas e dos/as educadores/as a partir da Lei 10.639/2003. A pesquisa se caracteriza como uma pesquisa qualitativa e de abordagem descritiva em relação ao objetivo e, pesquisa participante. Deste modo, por meio das ações centradas na didática afrocentrada se objetivará a realização de oficinas de formação, elaboração de materiais pedagógicos e didáticos e da realização de atividades educativas junto à comunidade escolar no bairro do Roger/PB. Para a

realização desse estudo, temos como fundamentos a Lei 10.639/2003 por englobar a Educação Étnico-Racial, Ensino de História e cultura africana afro-brasileira. E, autoras negras Carneiro (2012); Rocha (2004); e autores negros como: Munanga (2004; 2006); Abib (2017) entre outros/as. Nesse intuito, o letramento racial possui etapas preparatórias dos graduandos/as e demais envolvidos em uma prática de uma educação antirracista e outra fase de diálogos através de rodas de conversas sobre saberes antirracistas proporcionado pela Capoeira, contação de Histórias, Oralidade Ancestral e musicalidade com a comunidade escolar da escola assistida. Os resultados apontam na produção de materiais didáticos, como: relatórios, vídeos, artigos, audiovisuais. Portanto, através das atividades centradas na didática afrocentrada teve como propósito o entrelaçamento interdisciplinar de discentes das Licenciaturas, Capoeiristas e da comunidade escolar.

ENSINO DE HISTÓRIA DA ÁFRICA E DOS AFRICANOS: uma análise do volume do 7º ano da Coleção História, Sociedade e Cidadania (2024-2027)

Matheus Silveira Guimarães

O ano de 2023 foi marcado pela escolha dos livros didáticos do Programa Nacional do Material e Livro Didático (PNLD) referentes aos anos finais do ensino fundamental. No mesmo ano, diversos eventos ocorreram voltados para se pensar a implementação da lei 10.639/03, em comemoração aos seus 20 anos de promulgação. Na rede pública municipal de João Pessoa-PB, uma coleção foi escolhida para ser utilizada por todos os docentes de história: História, sociedade e cidadania de Alfredo Boulos Júnior, para o quadriênio de 2024 a 2027. Diante disso, cabe-nos perguntar: esta é uma boa coleção para se trabalhar a temática da história da África e dos africanos em sala de aula? Quais as potencialidades e limites desta coleção para a implementação da lei 10.639/03 na rede municipal de João Pessoa? O objetivo deste trabalho é apresentar como a história da África e dos africanos no Brasil é tratada no volume do 7º ano desta coleção. A escolha por esta série ocorreu por ser a que melhor apresenta elementos sobre o continente e seus descendentes em toda a coleção. Apesar de o livro didático não poder ser considerado um único material a ser trabalhado em sala de aula, sabemos que - diante das diversas limitações estruturais existentes - seu uso é crucial para o exercício pedagógico. Uma das principais queixas apresentadas pelos docentes, inclusive, é a falta de material didático voltado para o tema. Dessa forma, refletir sobre livro didático de história nos permite uma aproximação sobre as diversas possibilidades do ensino da

disciplina. Ao analisarmos a abordagem do livro didático escolhido, iremos apresentar as possíveis lacunas e possibilidades que estão abertas para os docentes aprofundarem o tema com os estudantes da rede.

MURALISTAS ÀS MARGENS: A linguagem do pixo extravasando o higienismo e colonialismo intelectual

Jessica Victoria Almeida Coutinho da Silva

O presente trabalho objetiva demonstrar o pixo enquanto uma prática discursiva essencialmente antirracista, considerando que desde os seus primeiros passos datados se estrutura e se manifesta de maneira decolonial, atendendo apenas as realidades que o fazem. Utilizando-se das teses PiXo: Tensões, estratégias e (re)construções (ARAÚJO, 2015) e Letramentos de reexistência (SOUZA, 2009), aliado ao documentário PIXO (Wainer e Oliveira, 2009), busca-se compreender a potencialidade decolonial da pixação, pois, esta é uma tradução, um resultado da expressividade identitária, da afirmação de corpos marginalizados, e da escrita a partir da vivência, como trazem os intelectuais supracitados. Portanto, atenta-se que o pixo surge no espaço norte-americano enquanto uma das vertentes de expressão da cultura hip-hop, estando a serventia da expressividade de jovens pretos, segundo (SOUZA, 2009), aliado a isto, no Brasil, as primeiras pixações datadas, são as de protesto contra a ditadura empresarial-militar, sendo assim, nota-se que a linguagem do pixo é orientada pela realidade daqueles que o fazem, sendo instrumentalizada para corpos que vivem às margens da cidade, trata-se de um letramento político a partir da própria existência, que não busca traduzir-se formalmente, academicamente e artisticamente para os padrões hegemônicos euro-centrados, como aponta (ARAÚJO, 2015) e (SOUZA, 2009). Desse modo, entende-se que a origem plural do pixo, abarcando racialidade, manifestação política e afirmação de identidades veladas, orienta seu percurso expressivo, desde o conteúdo, até o formato da grafia, que possuem uma correspondência direta com seus corpos e realidades, que busca transcender as paredes do higienismo acadêmico, e nos convida a pensar a rua enquanto um espaço socioeducativo, tornando-se, portanto, um recurso discursivo orgânico, anti-colonial e intrinsecamente antirracista.

A URGÊNCIA DA FORMAÇÃO ANTIRRACISTA NO SERVIÇO SOCIAL: Relato de Experiência acerca da prática profissional analisada através do estágio supervisionado obrigatório

Tacyana Pereira Medeiros

Julia Vitoria Miranda Paiva

A formação antirracista no Serviço Social é essencial para a compreensão crítica das desigualdades sociais; no entanto, essa abordagem tem sido historicamente negligenciada na profissão. A falta dessa formação impacta diretamente a atuação dos assistentes sociais e a qualidade do atendimento prestado aos usuários. Este artigo investiga como a ausência de uma educação antirracista na formação de assistentes sociais afeta sua prática profissional, com foco nas experiências vivenciadas durante o estágio supervisionado obrigatório em Serviço Social. O objetivo geral é analisar criticamente a importância dessa formação, enquanto os objetivos específicos buscam identificar as implicações da falta dessa formação no cotidiano profissional e propor estratégias para sua inclusão na formação acadêmica e profissional. A metodologia adotada é qualitativa e narrativa, baseada nas vivências das autoras durante o estágio supervisionado em uma instituição pública da política de saúde. Utilizou-se a observação participante e o levantamento bibliográfico para fundamentação teórica. A pesquisa narrativa permitiu relatar as experiências vividas, evidenciando práticas racistas no cotidiano profissional e destacando a lacuna de uma educação sobre as relações étnico-raciais. A fundamentação teórica aborda o racismo estrutural e suas implicações no Serviço Social, com ênfase na atuação profissional na construção de políticas públicas. Como esperado, o estudo visa contribuir para a reflexão sobre a importância da formação antirracista, propor estratégias pedagógicas e reforçar os princípios do Código de Ética do Serviço Social, promovendo a melhoria da atuação dos assistentes sociais no combate às desigualdades raciais.

Corpo e memória que dançam pelo tempo e espaço o côco de Zambê enquanto ferramenta prático pedagógica para a promoção de uma educação antirracista

Tarsis Batista Farias

Esta pesquisa, em andamento, investiga o Coko de Zambê como dispositivo de memória e identidade afro-brasileira, articulando corpo, ancestralidade e educação no contexto da Lei no

10.639/2003. A pesquisa parte de uma vivência pessoal como brincante de Zambê desde 2018 e integrante do grupo Zambê Gameleira, localizado na Praia da Pipa, Rio Grande do Norte. O objetivo é compreender como essa manifestação cultural, por meio de seus signos (canto, dança e percussão), preserva saberes ancestrais e a história do povo negro em diáspora, funcionando como instrumento de valorização da identidade negra e enfrentamento ao racismo. A metodologia consiste em revisão bibliográfica, com base em Leda Maria Martins e Inaicyrá Falcão dos Santos, que discutem memória, performance, cultura afro-brasileira e dança-arte-educação; pesquisa qualitativa participante, com vivências em rodas de Zambê, entrevistas com mestres e observação das práticas coletivas. Com base teórica primária em Martins (2019), que afirma que o corpo é um território de memória e resistência, onde a ancestralidade se manifesta e se reinventa. Martins (2021), destaca a performance ritual como geradora de significância e eficácia. Além disso, Santos (1996) questiona a abordagem das tradições afro-brasileiras, muitas vezes restritas à transmissão oral e à análise antropológica, não considerando a linguagem corporal como um aspecto educativo. O Coco de Zambê já é compreendido enquanto tecnologia ancestral de resistência, que ressignifica o corpo negro em um lugar de pertencimento e protagonismo, promovendo uma autoimagem positiva e fortalecimento da identidade afro-brasileira. A manifestação conecta passado e presente, reafirmando sua força cultural afro-brasileira. Como pretensão, a pesquisa busca propor estratégias pedagógicas que integrem o Zambê ao currículo escolar, utilizando canto e dança como recursos para um ensino antirracista. A ideia é que o Zambê seja visto como uma ferramenta pedagógica nas escolas, contribuindo para a implementação da Lei no 10.639/2003 e para a promoção de uma educação inclusiva e representativa. Enquanto acervo vivo de memórias diaspóricas, o Coco de Zambê, tem o potencial de fortalecer a identidade do povo negro e combater o racismo por meio de práticas pedagógicas que celebram a ancestralidade. Sua inclusão ao ambiente escolar não apenas garantiria a eficácia da lei, mas também valorizaria a cultura afro-brasileira, reforçando a importância de uma educação antirracista.

RECONHECIMENTO À DIVERSIDADE E DESAFIOS: Reflexões sobre a aplicação da Lei 10.639/03, em uma escola do município de Juripiranga/PB

Maria Vitoria Paz do Nascimento Silva

O presente estudo de trabalho de conclusão de curso aborda uma pesquisa sobre a inclusão da história e cultura afro-brasileira e africana nos currículos escolares, conforme estabelecido pela Lei 10.639/03, uma vez que essa legislação é crucial para promover a diversidade e combater o racismo no ambiente educacional. No entanto, a implementação da referida lei ainda enfrenta desafios nas escolas brasileiras, especialmente nos anos iniciais do ensino fundamental. O principal objetivo da pesquisa é analisar a aplicabilidade da Lei 10.639/03 na EMEIF Vereador José Grimaudo Tavares, em Juripiranga-PB, especificamente em uma turma do 5o ano. O estudo visa identificar como o conteúdo é abordado pelos professores pedagogos, as dificuldades enfrentadas, e de que forma essas insuficiências impactam o aprendizado dos alunos. A pesquisa seguiu uma abordagem qualitativa, envolvendo a revisão de documentos oficiais pertinentes à legislação educacional, como a LDB, BNCC, PLANAPIR, PlanePIR, além de entrevistas com docentes e a coordenação pedagógica. Foi realizada uma investigação de campo com a turma do 5o ano, com foco em coletar dados sobre a aplicação prática da Lei 10.639/03. Os resultados mostraram que, na escola em questão, a implementação da Lei 10.639/03 ainda é insatisfatória. Apesar da escola apresentar um reconhecimento da importância dessa legislação, a falta de formação específica dos professores e a ausência de um planejamento pedagógico que integre efetivamente a temática étnico-racial resultam em uma abordagem superficial no ensino da história e cultura afro-brasileira. A conclusão do estudo reafirma que, mesmo após duas décadas da aprovação da Lei 10.639/03, sua efetiva implementação na EMEIF Vereador José Grimaudo Tavares é uma meta ainda não alcançada. A pesquisa evidencia que, além de uma formação contínua e adequada para os educadores, é crucial que o projeto político-pedagógico da escola seja reavaliado para incorporar de forma consistente as diretrizes legais, promovendo um currículo que realmente respeite e valorize a diversidade étnico-racial.

A ESCRITA CIENTÍFICA: Estratégia de enfrentamento ao racismo no campo da educação

Uliana Gomes da Silva

Durvalina Rodrigues Lima de Paula e Silva

Terlúcia Maria da Silva

A educação é um dos pontos de pauta do Movimento Negro e de Mulheres Negras, a partir do entendimento de que a educação é libertária para alcançarmos um modelo de sociedade mais

justa e equânime. Além disso, como destacam SILVA (2004) e LINO (2017), esses movimentos são pilares fundamentais por evidenciar a transformação das estruturas educacionais, pois são produtores de saberes que desafiam e questionam a centralidade eurocêntrica no campo educacional, primando pela Educação das Relações Étnico-Raciais; fomentam o enfrentamento do racismo, enquanto eixo de opressão e se contrapõem a desconstrução ontológica da pessoa negra (CARNEIRO, 2023) e ao racismo em sua forma sofisticada (GONZALEZ,2020). Assim, este artigo objetiva descrever e problematizar acerca dos impactos e repercussões da pesquisa empírica promovida pela Abayomi - Coletiva de Mulheres Negras na Paraíba e realizada por três pesquisadoras paraibanas que teve como produto final o dossiê, 20 anos da Lei 10.639/2003: A Paraíba fez a sua lição?. Uma produção científica que deixou um lastro de incômodos no campo das gestões públicas, visto que aponta de forma quantitativa e qualitativa as inúmeras fragilidades no processo de implementação da referida lei no chão de escolas paraibanas. A escuta de 117 vozes de professoras/es, a realização de levantamento bibliográfico e a análise documental trouxeram a constatação de um cenário que está aquém do necessário para a efetivação da lei 10.639/03. O Dossiê configura-se enquanto uma ferramenta política de incidência para uma educação antirracista. Após seu lançamento, em julho de 2024, caminhos foram trilhados pela ABAYOMI-PB com o debate sobre a fragilidade da implementação da citada lei na Paraíba, resultando em ações como a audiência pública na Assembleia Legislativa, diálogos com conselhos e secretarias de educação, entrevistas e participações em eventos científicos reafirmando a importância da produção epistemológica para o fortalecimento da luta contra o racismo.

OS VALORES AFRO-CIVILIZATÓRIOS E O ETNOTURISMO NO QUILOMBO DE CAIANA DOS CRIoulos (PB): caminhos na educação para relações étnico-raciais

Maria Prado Santiago

Juventude Quilombola Organizada de Caiana

O coco de roda e a ciranda são expressões de grande destaque na Comunidade Quilombola de Caiana dos Crioulos, localizada na zona rural do município de Alagoa Grande, a cerca de 122 km da capital paraibana, João Pessoa - atraindo tanto visitantes quanto pesquisadores acadêmicos. Em busca de promover a valorização étnica e gerar renda, as mulheres de Caiana criaram o projeto de turismo "Vivenciando Caiana", iniciado em 2016. O projeto recebe visitantes interessados em conhecer a cultura Quilombola através de atividades de lazer e

educativas, realizadas ao longo do ano. Acompanhando por cerca de três anos o projeto (2021-2023), participando de suas reuniões e realizando entrevistas com as pessoas envolvidas, sejam os autóctones ou visitantes, noto que a proposta firma-se como uma possibilidade de educação para relações étnico-raciais, promovendo diálogos que confluem com os valores civilizatórios afro-brasileiros, ao mesmo tempo que propicia fortalecer a rede de aliados em defesa dos direitos Quilombolas e da equidade racial.

EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: Análise do Processo de Formação Continuada Docente na Perspectiva do Letramento Racial em uma Escola Quilombola Urbana

Emauele Costa Carvalho

Jadiele Cristina Berto da Silva

O presente estudo teve como objetivo responder ao seguinte questionamento: como se dá a formação continuada docente na perspectiva do letramento racial, no contexto de uma escola quilombola urbana, em que são atendidos crianças, adolescentes e adultos da comunidade? E como estas se configuram à luz dos documentos legais e do Projeto Pedagógico da escola? E quanto aos objetivos específicos, foram: Identificar no PPP da escola, projetos relacionados à formação continuada e práticas educativas à luz do letramento racial; Descrever como práticas da educação antirracista, em acordo, com às Diretrizes da Educação Escolar Quilombola vem sendo proposta nos documentos da escola; E, por fim, analisar os possíveis processos de formação continuada propostos na escola, na perspectiva do letramento racial, no olhar de docentes, gestores e pessoas da comunidade. A metodologia foi com abordagem qualitativa, a partir de estudo de caso sobre o letramento racial com dois docentes que já vivenciaram formação em educação antirracista. Os sujeitos da pesquisa foram um docente e uma docente que atuam na Escola Quilombola, o território de nossa pesquisa. Os resultados apontam que não basta somar conhecimentos sobre a legislação étnico racial para realizar um processo de letramento racial. Há muitas discontinuidades nas Formações. A escola está em território quilombola e possui projetos voltados para uma prática antirracista, ainda assim, há possibilidades e limites para que o processo de letramento racial atinja etapas significantes no caminho de uma leitura de mundo Antirracista e com representatividade de pessoas pretas, pardas em espaços diversos e condições de uma dialogicidade que alicerce bases para a construção positiva da identidade negra, através do letramento racial.

CUMÉ QUE É? Enegrecendo incidências políticas no Quilombo de Caiana dos Crioulos

Marina Prado Santiago

Juventude Quilombola Organizada de Caiana

Mikelle da Silva

Elidiane Alcides

O projeto Cumé que é? Enegrecendo incidências políticas no Quilombo de Caiana dos Crioulos propõe uma abordagem educativa e artística voltada para a valorização e fortalecimento da cultura negra e quilombola. Inspirado na trajetória de resistência da Negra Anastácia, o projeto fomenta reflexões sobre o racismo e as desigualdades de gênero que ainda persistem na sociedade brasileira. A proposta está vinculada a Sala de Leitura Prof. Luciene Tavares, no Quilombo de Caiana dos Crioulos localizado no município de ALagoa Grande (PB), apoiado pelo Instituto da Mulher Negra - Odara e Imaginable. Dentre as atividades desenvolvidas, destacam-se rodas de conversa, oficinas pedagógicas e artísticas, além da construção de uma intervenção artística coletiva. Os debates passaram pelos temas da ancestralidade, estratégias de enfrentamento, o adoecimento da população negra, o papel da juventude negra quilombola, lutas e sonhos. A intervenção artística, composta por produções visuais e performáticas, atua como um instrumento de reflexão e protagonismo, permitindo que os participantes expressem suas narrativas e experiências. A culminância do projeto aconteceu na Assembleia Legislativa da Paraíba, novembro de 2024, com protagonismo da Juventude Organizada do Quilombo de Caiana dos Crioulos, onde em audiência pública apresentaram os resultados das atividades e discutiram políticas públicas voltadas à educação escolar quilombola. Esse momento estreitou o diálogo institucional na busca pela implementação efetiva da Lei 10.639/03, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas. Dessa forma, Cumé que é? reafirma a importância da educação antirracista e da arte como ferramentas de transformação social, com o protagonismo da população negra, quilombola, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.



GT2:
Literaturas e Expressões
Artísticas Afro-Brasileiras

GT 02 - Literaturas e Expressões Artísticas Afro-Brasileiras**Coordenação: Prof. Dr. Élio Flores e Prof. Thiago Brandão****Representações da infância na obra Menina de Fogo, de Taylane Cruz**

Yve Almeida Leão

Franciane Conceição da Silva

O presente trabalho é produto do projeto de pesquisa em desenvolvimento apresentado ao PPGL da UFPB. A pesquisa pretende investigar como se constroem e quais as representações da personagem criança negra no romance "Menina de Fogo", de Taylane Cruz. O objetivo geral é examinar as representações da infância negra na obra, analisando o romance "Menina de Fogo" para compreender como a obra representa essa infância, buscando relacionar a (auto) determinação da narradora com as influências sociais, discutir as violências presentes no contexto narrativo e ressignificar a infância negra a partir da perspectiva da protagonista. A análise se concentrará na narradora-personagem, e a pesquisa se insere no campo da crítica literária e tem caráter bibliográfico. A pesquisa se fundamenta em autoras como Sueli Carneiro, Conceição Evaristo e Grada Kilomba, se apoiando em estudos sobre infância negra de Nilma Lino Gomes e Marlene de Araújo, além de conceitos da filosofia africana sobre a infância de Renato Nogueira e da literatura negra feminina. Espera-se que a pesquisa revele como a literatura pode servir como uma ferramenta de resistência e representação para as crianças negras. A pesquisa também almeja contribuir para o debate sobre a infância negra e suas especificidades, apontando novas direções para a crítica literária, além de buscar contribuir para a valorização da literatura negra feminina como ferramenta de resistência e transformação social, oferecendo novas formas de compreensão e atuação, incluindo aprofundar a análise da obra à luz dos referenciais teóricos selecionados, buscando identificar as estratégias narrativas que permitem à menina de fogo se tornar sujeito de sua própria história e desafiar as estruturas de opressão. Palavras-chave: infância negra; poder da infância; representação.

Entre a escuta e a escrevivência - Reflexões de "Insubmissas Lágrimas de Mulheres" de Conceição Evaristo

Marcelo Moura Montenegro Neto

Este estudo tem como objetivo uma análise reflexiva do livro de contos da autora Conceição Evaristo intitulado *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* lançado em 2011, considerando como eixos a presença da escuta sensível que transpassa a obra, e a escrevivência como um exímio fruto dessa escuta. A obra observada retrata a vivência de mulheres negras, contadas a partir da ótica de uma escritora que viaja pelo Brasil em busca de ouvir suas histórias. Cada capítulo, cada conto representado por um nome feminino é costurado com a mais fina agulha da escrevivência, marcando experiências reais vividas com constância por mulheres negras na contemporaneidade, mas também dando espaço à literatura, alcançando assim, uma camada na qual historicamente a sociedade não declara escuta nem voz. No seio desse livro observamos a presença da violência e do racismo, que de acordo com Sueli Carneiro (2020) estabelece inferioridade social a população negra em geral, mas carrega particularidades no que se refere às mulheres negras. Esse trabalho busca marcar a escuta como peça-chave para a construção da escrevivência e de uma sociedade menos marcada pela violência, a fim de que se possa escrever novas histórias com equidade e possibilidades.

DESFIANDO TEIAS, ENTRELAÇANDO VIDAS: Interseccionalidade em *A Cega e a Negra* - uma fábula de Miriam Alves

Maria Eduarda de Melo Paulino

Franciane Conceição da Silva

Weslley Barbosa Rosendo

Este trabalho investiga como as opressões de raça e deficiência se entrelaçam na construção das personagens e na estrutura simbólica do conto *A Cega e a Negra* - uma fábula da obra *Mulher Mat(r)iz* (2011), de Miriam Alves, e baseia-se na seguinte questão: como a interseccionalidade entre raça, gênero e deficiência estrutura as experiências das protagonistas e contribui para a crítica social na obra? O estudo tem, portanto, o objetivo de identificar as múltiplas camadas de opressão presentes na narrativa, através de uma análise semiótica das representações simbólicas presentes no texto, como a metáfora da teia de aranha que entrelaça as duas vidas e ilustra as interconexões entre a marginalização e a resistência das personagens. Metodologicamente, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa, combinando a análise semiótica com a abordagem crítica-interpretativa,

fundamentando-se nas reflexões de Kimberlé Crenshaw (2002) e Carla Akotirene (2019) sobre interseccionalidade, Débora Diniz (2001), Anahi Mello e Adriano Nuernberg (2012) sobre deficiência, além das contribuições de Frantz Fanon (2008) e Aníbal Quijano (2005) sobre colonialidade e poder. O pensamento de autoras como Lélia Gonzalez e bell hooks também sustenta a investigação sobre raça, gênero e resistência na literatura. Pretende-se, portanto, fazer uma leitura da obra que, ao denunciar desigualdades sociais, propõe também a possibilidade de resistência e ressignificação das identidades, contribuindo para o debate sobre como as intersecções entre diferentes formas de opressão podem ser pensadas na literatura contemporânea servindo como uma ferramenta crítica e de denúncia. Palavras-chave: Interseccionalidade; raça; deficiência; crítica social.

Representação temporal afrodiaspórica em “Nada digo de ti, que em ti não veja”, de Eliana Alves Cruz

Amanda Pinto da Silva Candido

O devir negro na literatura brasileira contemporânea tensiona as concepções literárias canônicas, uma vez que as cosmovisões africanas e afro-brasileiras propõem experiências que inscrevem outros tempos/espacos na literatura. Nesse sentido, este trabalho, de caráter bibliográfico, tem como objetivo analisar a performance do tempo na obra Nada digo de ti, que em ti não veja, de Eliana Alves Cruz, a fim de investigar como a temporalidade afrodiaspórica se inscreve e confronta a lógica linear, reelaborando realidades possíveis para sujeitos negros por meio da performatividade do corpo. Sob uma perspectiva contracolonial, a pesquisa se fundamenta nas contribuições de Antônio Bispo (2023) e Krenak (2020) para discutir a lógica linear como um mecanismo colonial de regulação do tempo e do espaço na narrativa. Além disso, considerando que o tempo espiralar se entrelaça aos conceitos de corpo, performance, ancestralidade e encruzilhada, recorreremos às perspectivas teóricas de Martins (1997; 2021), Sodré (2017), Oliveira (2007) e Zumthor (1977), com o intuito de compreender como a tradição Nagô oferece o conceito de ancestralidade como fundamento para a reinscrição do tempo africano no contexto brasileiro. Desse modo, a análise se atém à Vitória, uma das protagonistas da referida obra, na medida em que a personagem espiraliza o tempo por meio de práticas performativas, as quais evocam saberes ancestrais que não concebem o tempo como uma unidade de medida, mas como experiência vivida por um corpo que performatiza a reversibilidade e o devir simultâneo.

BRANQUITUDE À DERIVA: O privilégio branco em "Maréia", de Miriam Alves

Wesley Barbosa Rosendo

Maria Eduarda de Melo Paulino

Franciane Conceição da Silva

Branquitude é um lugar simbólico e estrutural de privilégio numa estrutura hierárquica racial numa sociedade racista. Os brancos nessa estrutura de privilégios detêm a tomada de decisão no ramo cultural, institucional, econômico, jurídico, social e na produção de subjetividades em relação à população negra. O conceito de raça é uma construção sócio-histórica baseada em continuidades morais, intelectuais e estéticas. Dessa maneira, este trabalho consiste em analisar a partir de uma leitura crítico-interpretativa sob os estudos da branquitude, o arquétipo social do branco como ser humano universal, a luz do pacto da branquitude (Bento, 2022), e, como a literatura negro-brasileira através da ferocidade poética proposto por Silva (2018), desmantela a falsa ideia de desumanização, geralmente vista como um dilema racial do negro, expondo a patologia do privilégio branco como produtor de calamidades para desconstruir a concepção de que a raça branca é a única portadora de características humanas ideais. Para tal análise, focamos no romance *Maréia* (2019) da escritora negra brasileira Miriam Alves. O objetivo é compreender como a ideia de raça e os significados acerca da branquitude são usados no romance para a construção de uma superioridade racial no personagem Alfredo. Especificamente, investigar o pacto da branquitude na construção de uma superioridade racial em Alfredo; analisar a branquitude como uma legitimação do racismo, contribuindo para a percepção de que o branco é o padrão universal; e, discutir como a literatura negro-brasileira, por meio da ferocidade poética, é usado como uma estratégia de denúncia de uma hierarquia racial dominante. O aparato teórico-conceitual desta pesquisa é Almeida (2019), Bento (2022), Cuti (2010), Cardoso (2008), hooks (2019), Schucman (2012) e Silva (2018).

Imagens de resistência: Iconografia e memória na obra de Rosana Paulino

Leydianne Gonzaga da Silva

O presente texto compõe-se de um conjunto de reflexões em desenvolvimento no âmbito da minha pesquisa de mestrado em Sociologia na UFPB, cujo tema central é "Imagens de

resistência: iconografia e memória na obra de Rosana Paulino". Parto da premissa de que a arte tem sido um campo de disputa pela representação das identidades negras, cujas expressões encontram ressonância nos modos de pensar e agir dentro de um determinado contexto social. Durante séculos, as imagens produzidas sobre corpos negros foram marcadas por estereótipos e mecanismos de controle simbólico (hooks, 2019), reforçando narrativas opressivas e excludentes. Mas além dessa perspectiva, a imagem também se configura como uma ferramenta que possibilita a construção de identidades, memórias e narrativas coletivas, capaz de subverter discursos hegemônicos e ressignificar trajetórias silenciadas. Artistas contemporâneas, como Rosana Paulino (1967), têm desempenhado um papel crucial nesse processo ao mobilizar materiais iconográficos para reconstruir memórias e propor novas narrativas. Sua obra tensiona representações historicamente racistas, apresentando histórias apagadas e contestando estereótipos perpetuados pela história oficial. O objetivo deste trabalho é analisar como Paulino utiliza arquivos visuais para reescrever histórias e questionar as estruturas simbólicas que perpetuam o racismo. A partir dessa perspectiva, busca-se discutir o uso da imagem como recurso de pesquisa e representação, explorando suas potencialidades para a valorização de identidades negras e indígenas. Para embasar essa reflexão, dialogamos com teóricos como Didi-Huberman (2012), que aborda a imagem como testemunho e sobrevivência da memória; Patricia Hill Collins (2020), que discute a interseccionalidade e a representação das mulheres negras; Winnie Bueno (2020), que reflete sobre os estereótipos raciais e suas implicações simbólicas; e bell hooks (2019), que explora o poder do olhar e a representação como forma de resistência. Esses autores nos permitem compreender como as imagens podem ser utilizadas para reconstruir memórias silenciadas, promover pertencimento e desafiar narrativas hegemônicas. Além disso, abordamos a imagem como metodologia de pesquisa, destacando seu papel na documentação de experiências étnico-raciais e na construção de um imaginário social mais inclusivo. A obra de Rosana Paulino, por exemplo, utiliza fotografias, gravuras e instalações para resgatar histórias familiares e coletivas, criando um diálogo entre o passado e o presente. Seu trabalho evidencia como a imagem pode ser um espaço de resistência e ressignificação, contribuindo para a descolonização do pensamento e a promoção da diversidade cultural. Concluimos que a imagem, longe de ser um mero recurso estético, é um instrumento político e metodológico fundamental para a transformação social. Ao tensionar representações opressivas e resgatar memórias marginalizadas, artistas como Rosana Paulino abrem caminhos para a construção de narrativas mais plurais e inclusivas, reforçando a importância da arte como campo de luta e resistência.

TLANGANO: Escritas poéticas incorporadas em um teatro-encontro

João Vitor Silva Santos

Um teatro-encontro. Aqui emerge uma narrativa que é parte da experiência vivida durante o Programa de Intercâmbio Caminhos Amefricanos: Sul-Sul, na edição Moçambique, essa ação foi desenvolvida pela Secretaria de Ações Afirmativas e de Combate ao Racismo por meio da seleção dos/as discentes graduandos/as de licenciatura, onde no decorrer de 15 dias, compreendem-vivem as narrativas como compartilhamento, na Capital de Moçambique, Maputo e na Universidade Pedagógica. Dessa maneira, a finalidade desse trabalho-compartilhamento é relatar as vivências tidas no intercâmbio com o desenvolvimento de vivências ancoradas na Lei 10.639/03 e no processo de formação docente numa educação antirracista. Como metodologia desse projeto, que decorre também no compartilhamento trazido nesse relato, ela é articulada pelos conceitos de escrevivência definido por Conceição Evaristo e oralitura por Lêda Martins, caracterizando esse percurso como uma pesquisa qualitativa e como teórica-prática-performática, tendo como reflexão: Quando as vivências dessas pessoas perpassam e se entrelaçam as minhas, e de outros sujeitos em diáspora?. As vivências se ancoram na experiência, remapeando novas formas de construção de saberes para com a educação das relações étnico-raciais e em um processo de formação docente na compreensão das narrativas-vivências, nessa escrita de nós. É importante perceber que há uma importância nos encontros, é a partir do encontro que tudo se (re)constrói, e neste ao ir a Moçambique me colocou aberto para me entender, me ver, sentir e me formar. Não é fim, é o começo, é nessa narrativa-vivência que me coloco em movimento, em um ato cênico, se entrelaça ao que penso na minha formação, um artista-docente com uma ação educativa que possibilita a construção de novas situações de aprendizagem na sala de aula, contribuindo para uma educação que condiz com a realidade sócio-cultural brasileira e na formação de sujeitos críticos e emancipados.

As expressões culturais não-ocidentais presentes no desenho animado O irmão do Jorel

Eduardo de Souza Lima

A história colonial escravagista do nosso país é responsável pela perpetuação de estigmas sociais para as populações não ocidentais, dessa forma, surge a importância de representações

positivas da cultura negra em ambientes de representatividade para o combate ao epistemicídio cultural e físico ocasionado pelo racismo estrutural. Os desenhos animados, estão presentes na vida de milhares de crianças e atuam diretamente na formação do imaginário infantil, assim, surge a importância de analisarmos a presença ou não da cultura afro-brasileira presentes nos espaços animados, crendo que as imagens assim como a linguagem atuam diretamente na construção do imaginário infantil. O presente trabalho é fruto do Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia e terá como eixo norteador a análise do desenho irmão do jorê. A pesquisa é estruturada como qualitativa, de caráter bibliográfico e de análise de conteúdo. O objetivo geral é apresentar expressões culturais dos povos não ocidentais exibidas no programa. Os objetivos específicos: Apresentar os personagens negros da obra e; Discutir os seus papéis no enredo. As análises sustentam-se nas proposições de Ariès (1986) com o conceito sócio-histórico da infância, Nilma Gomes (2010) e Diego Reis (2024) para tratar os atravessamentos vivenciados pelas infâncias negras. Observou-se a presença de expressões da cultura afro-brasileira, como o rap e o funk, além de personagens com cabelos e estéticas afro como flap top (cabelo afro), sendo características que em espaços midiáticos, podem contribuir para o desenvolvimento de um imaginário infantil positivo para crianças negras que estão em contato com as telas. Entretanto, vemos também que ainda sim, os personagens negros apresentados pelo desenho são na maior parte do tempo personagens secundários com apresentações curtas no enredo dos episódios, o que nos leva a essencialidade de discutirmos sobre maior presença de personagens negros em papéis de protagonismo.

DIANTE DA IMAGEM: Santa Rosa e a Aquarela Modernista

Thiago Brandão da Silva

A presente proposta pretende de maneira concisa apreender imagens como ferramenta analítica da cultura histórica empreendida entre as décadas de 1930 - 1950. Desse modo, iremos utilizar uma série de imagens representadas em suportes artísticos como capas de livros e quadros realizadas pelo multitarista afro-paraibano Tomás Santa Rosa, que ficou conhecido por sua atuação multifacetada e protagonista em diversos âmbitos das artes visuais. Com suas linhas e cores pintou uma geração de capas de livros, cenários, e quadros, cujos vestígios estéticos rasuram a paisagem do histórico. Objetivasse compreender através dos nexos culturais (visuais) o processo de significação de códigos de representações

(conceitos e signos) que foram difundidos na cultura visual do período proposto. Leva-se em consideração, os efeitos decorrentes de processos socioeconômicos da modernização, e das transformações culturais do modernismo entendido aqui como um movimento plural, em que pese a dinâmica regional no âmbito da cultura artística. Ao entender a imagem enquanto uma linguagem inferimos diretamente em sua função como uma prática social e política, além de considerar a relação de suas formas artísticas enquanto vestígios históricos. Considera-se a imagem como parte inerente da estrutura social, que se impõe ao nosso universo estético, técnico, cotidiano, político e histórico. De maneira relacional pode-se perceber dimensões da imagem em três diferentes facetas: formal, semântica e social, de tal modo que é ela mais que um simples fato ilustrativo. Com isso, sob a égide da história social da cultura e em consonância aos estudos culturais, pondera-se as representações visuais enquanto códigos culturais compartilhados entre gerações, estilos, escolas e afins. Em conformidades com Stuart Hall, George Huberman e Pierre Bourdieu analisaremos brevemente parte de uma produção e da prática do mundo artístico na inter-relações de redes de sociabilidade de uma geração de artistas no tempo de Santa Rosa, no campo Artístico da cidade do Rio de Janeiro. Metodologicamente, ao acompanharmos a trajetória de vida do multiartista afroparaibano, Santa Rosa, busca-se os estudos da diminuição da escala investigativa da microanálise com Jacques Revel. Já para o diálogo interpretativo das imagens iremos aferir a propositura construtivista da iconologia de Erwin Panofsky. Cumpre o presente texto a agenda dos estudos afro pedagógicos inscritos na produção do campo historiográfico do pós-abolição, sendo ele parte de uma pesquisa vinculada ao Programa de Pós-graduação em História (PPGH/UFPB), na linha da História e suas regionalidades.

IMAGEM COMO LINGUAGEM E DOCUMENTO HISTÓRICO: O negro no imaginário social brasileiro

Thiago Brandão da Silva

Esta proposta tem como objetivo refletir sobre as representações visuais do negro na história. Segundo Stuart Hall, há uma espetacularização da cultura como prática de significação. Compreendemos que traços essenciais da identidade racial brasileira, recorrentemente socializados no imaginário coletivo, evidenciam particularidades e privilégios. Ou seja, há significados visuais que, ao naturalizar a branquitude tem gerado o que, na psicanálise freudiana, se entende por recalque. Uma sociedade traumatizada é também uma sociedade

silenciada e apagada de sua própria condição existente. Assim, levando em consideração esse argumento, pretende-se realizar, ainda que de maneira concisa, a análise de imagens que corroboram com o descortinar de intenções da branquitude. Conforme Cida Bento, há na identidade racial do branco, um critério de norma não nomeada, ou seja não racializada, e isso incide na representação natural de hierarquia social no imaginário social brasileiro. A partir de um olhar crítico e opositor, buscamos investigar o não dito, a ausência e a estereotipagem do outro naturalizado sob os efeitos do narcisismo do branco, ou seja, conforme Fanon é quando o branco incita-se em assumir a condição de Ser humano . Dessa forma, com base nas contribuições de autores como Stuart Hall, Pierre Bourdieu e bell hooks, esta proposta busca abordar os códigos culturais (signos e conceitos) na representação do negro e suas relações com a cultura visual. Por meio da leitura de imagens, adota-se um diálogo construtivista na interpretação de diferentes suportes visuais, incluindo fotografias, pinturas, capas de livros, cartazes de propaganda e embalagens, cinema e mídias digitais.

A representação do negro no cinema brasileira e o ensino da história e cultura afro-brasileira

Waldeci Ferreira Chagas

João Paulo Ferreira da Silva

A Lei 10.639/2003 ao instituir a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira na escola da educação básica, lançou o desafio de professores/as romperem com o eurocentrismo recorrente no currículo escolar. Nesse sentido, o filme com personagens e narrativas negras se constitui um recurso didático relevante e que pode contribuir com o exercício de ensinar sobre pessoas negras no Brasil, seus saberes e ações fazendo um contraponto com o livro didático, uma vez que guardadas as abordagens com que narram fatos relacionados à trajetória dessas pessoas, alguns filmes brasileiros podem ser utilizados em sala de aula. Com base nessa problemática, o nosso objetivo é analisar o filme Besouro, e nele a história de pessoas negras pós 1888, o que se fará no/em diálogo com o livro didático. A película á que nos reportamos nos possibilita identificar a partir das representações sobre o pós-abolição que as pessoas negras e suas trajetórias de lutas, representadas na narrativa filmica, fazem parte da história do Brasil. Para, além disso, a sétima arte é um objeto de desalienação, ferramenta educativa que possibilita/oportuniza criar/construir uma pedagogia do olhar, capaz de constituir-se como espaço de reflexão/discussão, memória(s) e história(s)

sobre os povos da diáspora. Esse constructo se apresenta como um instrumento capaz de delinear práticas educacionais que rompam com o currículo tradicional, forjando saberes e fazeres para a consecução da educação para as relações étnico-raciais. Nesse exercício dialogamos com alguns pesquisadores/as da temática cinema e ensino de história, a exemplo de Napolitano (2003), Carvalho e Domingues (2017), Oliveira (2015). Esperamos contribuir com a discussão da relação cinema e ensino de história, sobretudo, porque o cinema além de possuir uma dimensão pedagógica ao narrar um fato, produz uma representação que se quer verdadeira, o que é passível de ser criticada e analisada por professores/as na sala de aula.

QUANDO CANTO, RESISTO: Racionais Mcs, o rap como instrumento de resistência a partir do pacto narcísico da branquitude de Cida Bento e da Política de morte de Achille Mbembe

A violência contra a população preta periférica no Brasil é um fenômeno estrutural legitimado por dispositivos de exclusão racial que naturalizam sua marginalização e extermínio. Achille Mbembe define a necropolítica como o gerenciamento da morte pelo Estado, no qual corpos racializados são alvos prioritários de violência e precarização. Paralelamente, Cida Bento conceitua o pacto narcísico da branquitude como um mecanismo de manutenção dos privilégios brancos, assegurando a invisibilização e a opressão da população negra. Nesse cenário, esta pesquisa investiga como o rap dos Racionais MCs tensiona e denuncia as estruturas da necropolítica e do pacto narcísico da branquitude no Brasil. O objetivo central é analisar as composições dos Racionais MCs como ferramenta de insurgência política, demonstrando seu papel na denúncia da violência sistêmica contra a população preta e na construção de subjetividades resistentes. Além disso, busca-se compreender o impacto da música na formação de uma consciência crítica coletiva. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, ancorada na análise do discurso de Michel Foucault sobre as letras do grupo, explorando seus temas, narrativas e críticas sociais. A revisão bibliográfica apoia-se nos estudos de Achille Mbembe e Cida Bento. Os resultados esperados indicam que o rap dos Racionais MCs atua como dispositivo contra-hegemônico, politizando a experiência da população preta periférica e confrontando as políticas de morte. Como encaminhamento, propõe-se o fortalecimento do reconhecimento do rap como prática social e política essencial na luta antirracista e na preservação da memória coletiva negra e periférica.

Script em Pretuguês: entre narrativas ficcionais e a história social das mulheres negras no desenvolvimento de roteiro para o audiovisual

Fernanda Mara Ferreira Santos

Rickelmy Silva Rodrigues

Solange Pereira da Rocha

Esta proposta de comunicação oral pretende refletir e apresentar um relato de experiência englobando a convergência de linguagem audiovisual na sua primeira etapa, qual seja, a produção de um Roteiro, com a História Social, resultando na elaboração de textos para colaborar na elaboração de representações ficcionais da população negra em dois momentos históricos: o Brasil escravista do século XIX (tráfico interno Nordeste/Sudeste) e período Republicano no processo da redemocratização da década de 1980 (Sudeste). Na primeira parte, mapeamos os temas necessários à elaboração de um roteiro, oferecendo uma Consultoria Socio-Histórica, cuja metodologia se baseou em conversas e debates, na pesquisa bibliográfica em estudos históricos, antropológicos sociológicos, dentre outros, e da sistematização dos conteúdos em produção textual. Na segunda parte, salientamos como os textos produzidos favoreceram a escrita do roteiro ficcional acerca da história de mulheres negras que viveram em diferentes cenários históricos, dando precisão temporal e caracterização de cada época. Na última parte, são apresentados os resultados mais significativos da experiência entre áreas afins, com a mediação da História para estimular profundidade às narrativas ficcionais na escrita criativa e imaginativa do audiovisual sobre as vivências de mulheres afro diaspóricas e, garantindo, assim uma melhor ambientação próxima do real na construção de tramas humanas para um público do Tempo Presente que possa se tornar uma produção audiovisual educativa de cunho mais atraente que forneçam conhecimentos antirracistas e decoloniais.

VOZES ANCESTRAIS: Identidade, memória e resistência em “Maréia”, de Miriam Alves

Maria Jayline Pereira da Silva

Sarah Camille Rodrigues da Silva Costa

Franciane Conceição da Silva

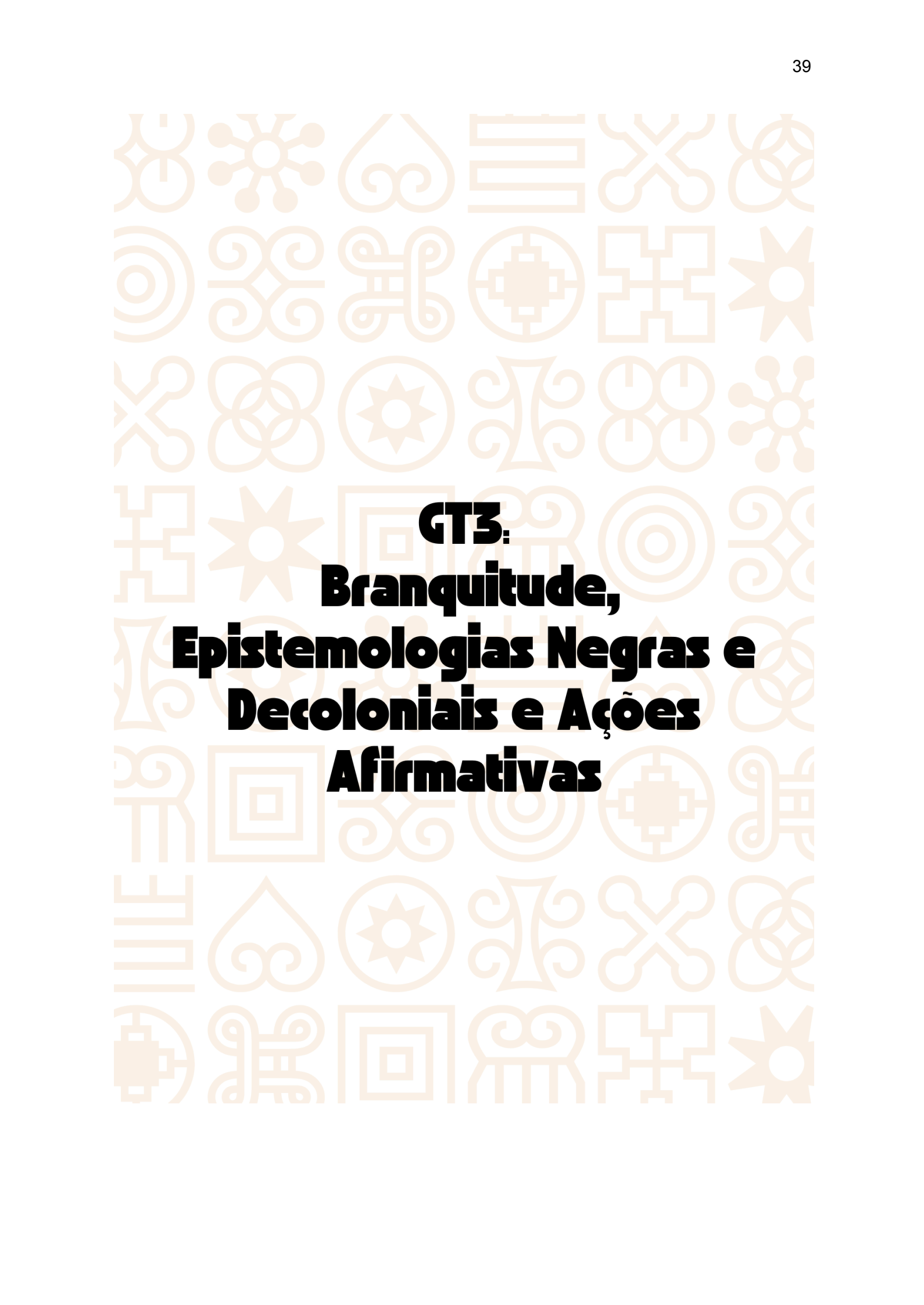
A obra *Maréia*, de Miriam Alves, publicada em 2019, narra de forma poética as múltiplas vozes e saberes ancestrais afro-diaspóricos que foram silenciados ao longo do processo de colonização. Assim, em capítulos alternados, a narrativa nos apresenta a história de duas famílias: por um lado, a ancestral família negra dos Santos, que reafirmam a sua memória e ascendência africana; por outro, a família dos Menezes de Albuquerque, uma família branca e rica, que construiu suas posses à custa da escravidão dos povos negros. Ambas trajetórias se entrelaçam entre um passado e um presente que resgatam as heranças e culturas africanas, trazendo à tona os pactos coloniais. Nesse sentido, a presente pesquisa tem como objetivo principal analisar os dispositivos de identidade, memória e resistência, bem como o racismo estrutural e os seus impactos na sociedade brasileira, sob a orientação da professora Franciane Conceição. Como referencial teórico-metodológico, serão utilizadas pesquisas sobre literatura afro-brasileira, conferenciando com autores que debatem a narrativa diaspórica e o apagamento das histórias negras, nomeadamente Evaristo (2019), Brand (2001), Kilomba (2019) e Bento (2022). Almeja-se, portanto, refletir sobre o percurso da memória coletiva, as nuances que envolvem a reescrita a partir da ótica das personagens negras na obra e o resgate das vozes silenciadas, reiterando a ancestralidade como força e potência.

DA BRINCADEIRA À RESISTÊNCIA: o coco de roda como estratégia organizativa de luta

Jadiele Cristina Berto da Silva

O presente trabalho analisa a agência do coco de roda, uma manifestação cultural secular no Brasil, como estratégia organizativa de luta pela terra e afirmação da identidade racial na Comunidade Quilombola de Ipiranga, na Paraíba. O coco de roda é uma prática encontrada no Nordeste brasileiro e constitui um forte instrumento contra o memoricídio, além de auxiliar no processo de ensino-aprendizagem em diversas comunidades, especialmente aquelas historicamente subalternizadas e com tradições orais. A manifestação foi investigada à luz da africanidade, como portadora de elementos e valores afro-brasileiros e, portanto da diáspora. A abordagem interdisciplinar fundamentou o emprego de diferentes campos do conhecimento e conceitos utilizados. A metodologia inclui pesquisa bibliográfica e documental em instituições públicas, além do trabalho de campo, essencial para o diálogo teórico e prático, proporcionando também uma maior aproximação com os sujeitos da pesquisa. O referencial

teórico se apoia em autores das áreas de Geografia, Ciências Sociais, História e Antropologia, como Marques (2015), Porto (2015), Silva (2018), Ayala (2018), Silva (2014), Albuquerque Júnior (2013), Taylor (2013) e Raffestin (1997). Apesar de ser uma manifestação presente em territórios tradicionais com mais de 150 anos de existência, o coco de roda tornou-se patrimônio cultural imaterial no Estado da Paraíba apenas no ano de 2021, o que reflete a recente transformação das referências culturais da população negra em patrimônio no Brasil, considerando o histórico de racismo e colonialidade. Os brincantes do coco de roda conquistaram direitos culturais, de reconhecimento e de valorização de seu patrimônio, conectando essas conquistas à luta por outros direitos, como o direito à terra e à educação.



**GT3:
Branquitude,
Epistemologias Negras e
Decoloniais e Ações
Afirmativas**

GT 03 - Branquitude, Epistemologias Negras e Decoloniais e Ações Afirmativas**Coordenação: Prof^a Dr^a Conceição Félix****O PACTO SILENCIOSO DO PRIVILÉGIO: O Pacto da Branquitude e a formação antirracista**

Jenifer Alexandre Dias

Rosilvado Gomes de Sá Sobrinho

Nathali Gomes da Silva

O projeto Formação Docente na Perspectiva da Educação das Relações Étnico-Raciais, do Programa de Licenciatura (Prolicen), busca aproximar os futuros professores da prática pedagógica, ajudando-os a compreender e refletir sobre estratégias para enfrentar o racismo e construir identidades raciais. Uma das questões abordadas é: quais são os desafios e avanços das escolas na promoção de práticas antirracistas? Para responder a isso, os licenciados realizam estudos bibliográficos que apontam para a construção de uma educação mais inclusiva e equitativa, como também constroem projetos que abordam a temática nas escolas públicas do município de Areia/Paraíba. Fundamentamo-nos, dentre outros textos, no estudo do livro *O Pacto da Branquitude*, de Cida Bento. A autora explora a tese de que a branquitude, se mantém através de um pacto implícito naturalizando desigualdades e invisibilizando o racismo. Um clube altamente exclusivo, onde a única exigência para ser membro é nascer branco. A participação é automática. Essa reflexão pode ajudar a entender como o racismo se mantém e se perpetua na sociedade. Esse pacto opera no mercado de trabalho, na educação e nas relações sociais, perdurando uma estrutura de exclusão que impede a ascensão da população preta. A manutenção dos privilégios brancos não ocorre de forma explícita, mas sim por meio de mecanismos sutis, como a escolha de lideranças, valorização de determinadas trajetórias e negação do racismo por aqueles que se beneficiam do sistema. Nessa compreensão, o projeto atualmente encontra-se no levantamento de outras obras que subsidiem as ações que serão vivenciadas nas escolas parceiras, onde apresentaremos a proposta do projeto e das atividades a serem desenvolvidas em articulação com a cultura, culinária, história e religião dos povos africanos. Esperamos, com este projeto,

aprofundar as discussões sobre as relações étnico-raciais no contexto da escola pública paraibana presentes nas Leis de 2003 e 2008 para a garantia de direitos.

Da descolonização ao surgimento de uma nova teoria

Thalissa Batista de Melo

A produção acadêmica ocidental tem sido historicamente pautada por uma perspectiva eurocêntrica, branca e masculina, determinando quais conhecimentos são legitimados. Esse modelo resultou na marginalização de vozes subalternas, especialmente de pessoas negras, cujas epistemologias foram silenciadas. Nesse contexto, torna-se essencial desenvolver uma nova teoria que não apenas represente esses grupos, mas também questione as estruturas que sustentam essa exclusão. A descolonização do pensamento é fundamental nesse processo, pois possibilita a construção de novas formas de conhecimento. Frantz Fanon (2008) enfatiza a necessidade de romper com estruturas coloniais que definiram a identidade negra sob a ótica do opressor. rompimento vai além do indivíduo, abrangendo a coletividade e permitindo a formulação de discursos próprios e autônomos. A estrutura acadêmica tradicional reforça hierarquias que excluem grupos marginalizados. bell hooks (2017) propõe que a teoria seja acessível e conectada à realidade, ultrapassando os limites da academia e tornando-se um instrumento de transformação social. Para isso, deve estar vinculada à prática e refletir as experiências de diferentes grupos. Este estudo adota uma abordagem teórica, analisando criticamente as obras de Frantz Fanon (2008), bell hooks (2017) e Gayatri Spivak (2010). A metodologia baseia-se na revisão e interpretação de textos essenciais sobre descolonização, produção do conhecimento e emancipação social. Spivak (2010) discute a representação dos subalternos e a importância de criar espaços que contemplem diferentes perspectivas. Isso fortalece o pensamento crítico e amplia a compreensão das relações de poder. Assim, a construção de uma nova teoria deve considerar a pluralidade de experiências, tornando o conhecimento mais representativo e capaz de promover mudanças sociais. A emancipação do pensamento permite o surgimento de discursos que rompem com estruturas excludentes, ocupando espaços historicamente negados.

SOCIOGÊNESE DO RACISMO E NECROPOLÍTICA: A máquina de morte contra corpos pretos no Brasil a partir da ótica de Frantz Fanon e Achille Mbembe

Jefferson Luiz Fontes

A persistência do genocídio da população preta no Brasil revela a operação de um Estado racializado que normaliza a eliminação sistemática de corpos negros por meio de mecanismos institucionais e informais. A partir dessa problemática, a pesquisa orienta-se pela seguinte questão: como a articulação entre a sociogênese do racismo, de Frantz Fanon, e a política da morte, de Achille Mbembe, pode contribuir para a compreensão do extermínio da população preta no Brasil? O objetivo central deste estudo é analisar os fundamentos históricos e políticos da necropolítica dirigida à população preta, evidenciando a continuidade do colonialismo sob novas formas. Além disso, busca-se examinar como a sociogênese do racismo operou na construção de um imaginário racial que legitima a violência contra corpos pretos, naturalizando sua desumanização e exclusão social. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, compreendendo a análise documental de discursos estatais e produção midiática, bem como a pesquisa bibliográfica em bancos de dados científicos, visando aprofundar o referencial teórico. No tocante à fundamentação teórica, ancora-se na teoria da necropolítica de Achille Mbembe e na análise da sociogênese do racismo de Frantz Fanon, associadas às epistemologias afrodiaspóricas de Lélia Gonzalez. Esses referenciais permitem compreender a relação entre modernidade, racismo estrutural e violência de Estado. Os resultados esperados indicam que o extermínio da população preta no Brasil não é um fenômeno isolado, mas parte de um projeto histórico de controle racial. Como encaminhamento, propõe-se o fortalecimento de políticas de enfrentamento à violência de Estado e a valorização de epistemologias afrocentradas como alternativas metodológicas à colonialidade presente nas relações de poder.

Contribuições da disciplina de EREER para a (in)formação antirracista de monitores da UFPB

Maria Aparecida Alves de Sousa

Lileth Walleska Santos e Santana

Ana Paula Romão de Souza Ferreira

Este trabalho tem como objetivo analisar as contribuições da disciplina Educação das Relações Étnico-raciais Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e africana - EREER para formação antirracista de monitores (as), do campus I da Universidade de Federal da Paraíba - UFPB. Cujo componente é ofertado pelo Departamento de Habilitação Pedagógica, Centro de

Educação no Curso de Pedagogia com aprofundamento em Educação do Campo. Como questão norteadora, buscamos saber quais as contribuições da disciplina EREER para formação antirracista no processo formativo das monitoras da disciplina ofertada no campus I da UFPB? A metodologia empregada é bibliográfica e documental do tipo participante, na qual as monitoras da disciplina estão no processo envolvidas como pesquisadoras e como sujeitos da pesquisa. A contextualização dos fatores que influenciaram a implementação da Lei 10.639, de 20 de janeiro de 2003, é uma das primeiras temáticas discutidas na disciplina EREER. Nesta perspectiva, a discussão teórica é embasada pela História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena, as lutas das populações negras e dos povos indígenas no Brasil e sua contribuição para a formação da sociedade brasileira, resgatando a sua participação nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil e na História da África e dos africanos (Santos (2020) Gomes (2005), BRASIL (2003), Albuquerque (2006), BRASIL (2008), Krenak (2019). Nesse sentido, é importante salientar que o papel das monitoras perpassa o planejamento, atuação em sala de aula e a avaliação do contexto junto com discentes da disciplina no processo formativo sobre a EREER. Outro aspecto dos resultados esperados foca na práxis da monitoria de EREER e no papel dos discentes como protagonistas na mediação docente/discentes/monitoras para a efetivação da Lei 10.639/03.



GT4:
Condições Psico-Sociais
da População Negra

GT 04 - Condições Psico-Sociais da População Negra

Coordenação: Prof^a Dr^a Mojana Vargas

EPISTEMOLOGIAS NEGRAS: Contribuições para a luta antirracista

Hildevânia de Sousa Macedo

Luciana Cândido Barbosa

Jamile Godoy da Silva

O referido estudo tem o objetivo de refletir o processo organizativo da II Marcha Nacional das Mulheres Negras 2025 na Paraíba, através das instâncias organizativas: coordenação estadual e comitê impulsor. Reconhecendo que as mulheres negras na/da Paraíba é parte da articulação nacional, sendo força de estratégia e incidência política, na mobilização estadual, que fortalece a organização regional e nacional, mas permanecendo com autonomia de como planejar, articular, mobilizar, divulgar e participar da marcha em Brasília, este ano, no mês de novembro. A metodologia, será analisar e refletir o papel do comitê impulsor da Paraíba, que teve como estratégia, a criação de uma coordenação colegiada, que faz parte da construção e das ações da marcha no estado, e delibera com orientações e indicativos, as prioridades de ação para as comissões de comunicação, metodologia, finanças e outras. Neste cenário, surgem as múltiplas identidades e frentes de luta, junto de suas especificidades, que fazem parte de um contexto socioeconômico-político e cultural. Considerando, alguns conceitos-chave como decolonialidade, racismo, sexismo, classismo, reparação, feminismo negro e Bem Viver, para refletir o que inspira as ações construídas pelas mulheres que se integram nesse processo de preparação para a II marcha Nacional das Mulheres. Utilizando-se das contribuições das ativistas e intelectuais Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro e Cida Bento. Contudo, a II Marcha das Mulheres Negras 2025 reafirma a luta por justiça social, igualdade racial e pela defesa dos territórios, por Reparação e Bem viver. Um dos resultados contundentes deste estudo, nos leva a reconhecer a importância da II Marcha Nacional das Mulheres Negras 2025 na Paraíba, no tocante ao fortalecimento das

organizações, grupos e coletivos, contribuindo com a organização política e no fomento de espaços de debate sobre reparação histórica e bem viver das mulheres negras.

Autocuidado e saúde mental: Práticas de resistência ao racismo e valorização da vida de mulheres negras

Hildevânia de Sousa Macêdo

Luciana Cândido Barbosa

Jamile Godoy da Silva

O artigo aborda como questão norteadora as práticas de autocuidado vivenciadas por mulheres negras como estratégia de sobrevivência e enfrentamento ao racismo e ao sexismo. Neste sentido, se propõe a refletir como o autocuidado individual pode ser coletivizado e transformado em instrumento de luta e resistência contra o sofrimento ético-político provocado pelo racismo e pelo machismo na vida das mulheres negras. Desse modo, parte de uma metodologia circular e dialógica que valoriza os saberes e as práticas ancestrais das mulheres mais velhas. O que se fundamenta teoricamente no pensamento de duas grandes estudiosas e feministas negras - Bell Hooks, que apresenta o conceito de amor numa perspectiva de ação política e Audre Lorde, que considera o autocuidado como um ato de autopreservação. Como resultados do estudo, observa-se que o exercício do autocuidado e do autoamor como estratégia de saúde e bem viver são processos vivenciais e ancestrais de cunho político, revolucionário, coletivo e essencial para vida das mulheres negras.

O percurso histórico da assistência estudantil na educação superior brasileira e seus impactos na educação da população negra

Daniele do Nascimento Leandro

Na atualidade com a aprovação da Política Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), em 2024, está sendo expandida as discussões e pesquisas relacionadas com a permanência dos estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica na educação superior. Diante desse cenário, nos indagamos como foi a trajetória da assistência estudantil na educação superior brasileira e como essa política está atuando na reparação histórica educacional de permanência da população negra no ensino superior? Assim, temos como objetivos

apresentar uma síntese histórica da assistência estudantil na educação superior brasileira; problematizar como a assistência estudantil está atuando na reparação histórica educacional de permanência da população negra e pesquisar os impactos da assistência estudantil na permanência da população negra no ensino superior. Para a realização desse estudo iremos realizar uma pesquisa exploratória com abordagem qualitativa, quanto aos procedimentos técnicos é uma pesquisa documental e bibliográfica e para análise iremos utilizar o método do materialismo histórico-dialético. A fundamentação teórica está alicerçada em Gonzalez e Hasenbalg (1982); Munanga (1988); Nascimento (1978); Fernandes (1965); Gomes (2017) para a discussão envolvendo a participação da população negra na formação da sociedade brasileira e dos direitos conquistados e negados, dentre eles o acesso à educação. Para darmos continuidade nos debruçarmos em Boschetti (2003); Costa (2010); BRASIL (1988; 1996; 2011; 2024) para a compreensão da formação da assistência estudantil e das principais legislações que antecederam a atual lei. Portanto, objetivamos que essa discussão contribua para o reconhecimento social dessa política pública enquanto direito social na educação superior e de ampliar a discussão e acesso à informação dessa temática que ainda está escassa de pesquisas. Com o intuito, que a população negra tenha em suas mãos o conhecimento dessa Política de Estado para que possam usufruir de seus direitos e lutar pela sua efetivação.

ESCUDOS E FERIDAS: A construção da autoestima negra na infância e suas marcas físico-simbólicas

Jaquelyne Fernandes do Nascimento

Hayssa Oliveira Costa Leite

Sarah Camille Rodrigues da Silva Costa

O presente trabalho discute a poda da autoestima negra como mecanismo de defesa e seus impactos na infância, tomando como base o conto *Metamorfose* (2001), de Geni Guimarães. Argumenta-se que, desde a infância, o indivíduo negro é nutrido por preconceções enraizadas na sociedade que impõem a ele seu portar no mundo e delimitam os lugares que lhe são possíveis ocupar. Essa abordagem transpassa gerações e potencializa-se na educação familiar, como mecanismo de defesa, para criar escudos nas crianças negras, acreditando protegê-las do racismo. Apesar da construção imagética de que é possível evitar o racismo estrutural, esses escudos rompem o progresso da autoestima negra, reforçando a insegurança e o sentimento de inadequação. A análise fundamenta-se em *Tornar-se negro* (1983), de Neusa Santos Souza, que evidencia as dores e complexidades do processo de autonomia na

construção de identidade do indivíduo negro, bem como os mitos de que a meritocracia beneficia corpos negros ao negarem sua identificação. Nesse sentido, a abordagem teórica é enriquecida também com as construções de Leda Maria Martins, em *Performance do tempo espiralar: poéticas do corpo-fala* (1997), que evidencia o impacto da memória e ancestralidade na construção da subjetividade do corpo negro. A partir dessas perspectivas, discutiremos os efeitos da educação colonizadora em crianças negras, potencializadora do racismo estrutural, e a interseção entre proteção, medo e resistência.



**GT5:
Religiões de Matriz
Africana**

GT 05 - Religiões de Matriz Africana**Coordenação: Prof. Dr. Diego Reis****SINCRETISMO RELIGIOSO: Análise da participação da Comunidade Quilombola dos Daniel da festa do Rosário da cidade de Pombal/PB**

Claud Kirmayr da Silva Rocha

O sincretismo religioso no Brasil é um fenômeno que reflete a complexidade das relações culturais e históricas entre diferentes grupos sociais. Neste contexto, a participação da comunidade quilombola dos Daniel na Festa do Rosário, realizada na cidade de Pombal PB, revela a intersecção entre religiosidade afro-brasileira e catolicismo popular. As comunidades quilombolas no Brasil representam uma importante fonte de cultura. De acordo com a Fundação Palmares (BRASIL, 2003, art. 2o), são espaços de preservação da história e onde se projetam a identidade étnica e a solidariedade mútua, valores já não tão observados na grande sociedade. O presente estudo tem como objetivo analisar as manifestações sincréticas presentes nessa celebração, destacando seus significados socioculturais e as formas de resistência da comunidade quilombola por meio da fé. A pesquisa fundamenta-se em uma abordagem qualitativa, utilizando revisão bibliográfica, observação participante e entrevistas semiestruturadas com membros da comunidade e organizadores da festividade. A Igreja de Nossa Senhora do Rosário tombada pelo patrimônio histórico-cultural como um testemunho arquitetônico do processo de colonização do sertão, serve como subsídio para desenvolvimento do folclore popular que se manifesta por meio da irmandade do Rosário, juntamente com seus grupos tradicionais de dança: Pontões, Congos e Reisados. Por meio desse estudo discutimos o sincretismo religioso estabelecido por membros dos quilombos e sua tradição indenitária e cultural presente na festa do Rosário. Uma manifestação cultural que envolve o sagrado e o profano sem deixar de referenciar a devoção. Os resultados levantados indicam que a Festa do Rosário não apenas reafirma a identidade quilombola, mas também evidencia um espaço de negociação simbólica entre diferentes tradições religiosas,

fortalecendo os laços comunitários e promovendo a valorização da cultura afrodescendente. Dessa forma, a pesquisa contribui para a compreensão do sincretismo religioso como um mecanismo de ressignificação e preservação da memória coletiva das populações quilombolas.

Os arquétipos de Iansã na literatura e música negro-brasileira

Luciano Galdino da Silva Júnior

Franciane Conceição da Silva

O presente trabalho tem como principal objetivo desenvolver uma análise comparativa a partir dos arquétipos da orixá feminina Iansã, uma das figuras mais poderosas e reverenciadas da espiritualidade afro-brasileira, conhecida por sua energia indomável e impetuosa, representando a força da não submissão, da liberdade conquistada, e da impossibilidade de ser aprisionada, tal como o vento, seu elemento primordial (Zenicola, 2014, p. 41). A pesquisa de caráter dialógico se concentra na produção literária e musical de autoria negra brasileira, utilizando como corpus o romance *Menina de Fogo* (2023), da escritora sergipana Taylane Cruz, e a canção *Comigo Ninguém Pode* (2019), da cantora e compositora Mc Tha. A partir dessa análise, busca-se compreender como essas duas obras evocam e reinterpretam os arquétipos de Iansã por meio de uma linguagem rica em metáforas e simbolismos. Enquanto Taylane Cruz, no campo literário, constrói uma personagem a partir das qualidades atribuídas à orixá, Mc Tha, em sua canção, articula musicalmente os elementos de poder e resistência associados à orixá. Ao explorar essas representações, o trabalho pretende não apenas traçar pontos de convergência entre as duas produções, mas também refletir sobre o papel de Iansã na construção de identidades negras femininas, destacando como a espiritualidade afro-brasileira torna-se fundamental para a preservação da ancestralidade africana. Para fundamentar as discussões levantadas nesta pesquisa, teremos como base teórica Prandi (2020), Evaristo (2010) e Martins (2003).

ITAN E ENCANTAMENTOS: Oralidade e performance pelos ventos de Iansã

Sarally Gabriel de Lemos Malaquias

Imbuída pelo desejo de romper com práticas limitantes e eurocêntricas que permeiam, ainda hoje, alguns estudos e abordagens do literário, optei por inscrever essa pesquisa no campo da oralidade e da performance. Nesse sentido, o presente trabalho tem como coração a forma poética Itan, presente, sobretudo, nos espaços de memória ativa e diaspórica dos terreiros de Umbanda e Candomblé. Em movimento espiralado, discuto o Itan como gênero literário, vinculando esse arquivo de narrativas ao conceito contra-colonial de literatura-terreiro tão bem forjado por Henrique Freitas (2016). Apresento um Itan que tem Iansã como figura principal e narro a prática performática realizada por mim, de modo a sentir o Itan e apreendê-lo em meu próprio corpo-ancestral. Elaboro, ainda, considerações críticas acerca dessas oralituras, tecendo uma breve cartografia da figura potente de Iansã em outras obras de autoria negra contemporânea. Através de seus alguidares-conceitos, fizeram parte dessa navegação: Santos (2012), Petit (2015), Bâ (1982), Martins (2003), Taylor (2023), Santos (2004), Rufino (2019), Freitas (2016), Alves (2015), Buby (2019), Nascimento (1989), Andrade (2010).



GT6: Memória, Territorialidade e Corporeidade

GT 06 - Memória, Territorialidade e Corporeidade

Coordenação: Prof^a Dr^a Mojana Vargas

As narrativas da cidade-terreiro: uma visão decolonial da capital paraibana

Daniel Ramos Cordeiro dos Santos Filho

Ana Cristina Marinho Lúcio

As narrativas e poéticas orais configuram alguns dos aspectos mais importantes durante os processos de construção de identidades coletivas, sejam elas de grupos, costumes ou espaços. Partindo deste pressuposto, pretendemos com o presente trabalho apresentar imagens e construções narrativas sobre a cidade de João Pessoa através de roteiros construídos a partir dos relatos e memórias de mestres juremeiros, nomeadamente: Inês dos Santos e Marinaldo José da Silva. O trabalho em questão é uma seguimento do projeto de pesquisa "Mapeamentos em espiral: Terreiros, mulheres e cidades", coordenado pela professora Ana Cristina Marinho Lúcio, associada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade Federal da Paraíba, e tomamos como aporte teóricos os conceitos de História Oral (Portelli, 2016); Memória (Ecléa Bosi, 1994); Memória Coletiva (Halbwachs, 2006); Espaço e Território (Milton Santos, 2006; Sodré, 2002), além de cartografia (Fernandes, 2012) e tempo espiralar (Leda Maria Martins, 2002). Neste sentido, tomamos a cidade também como um espaço de memória (Assmann, 2011), remontado e transfigurado pelas andanças dos sujeitos escolhidos para guiar o olhar de nossa pesquisa, que se ausenta do prisma convencional e dominante, e retoma uma configuração edificada pela experiência de pessoas que vivenciam a cidade pelas suas margens. A partir dos textos construídos em conjunto por nós, será possível imaginar uma cidade-terreiro que rejeita os padrões de imagens coloniais, eurocêntricas e patriarcais e abraçam perspectivas afro-indígenas e feministas dos espaços urbanos.

AFROTURISMO CAMINHADA JAMPA NEGRA/ROTA SANKROTA PARAÍBA: Espaços de memórias e identidades afro-paraibanas

Liandra Carneiro de Souza

Breno Souza Nascimento

Lileth Walleska Santos e Santana

Vinculado ao projeto de extensão Narrativas étnico-raciais em espaços escolares e não escolares na Paraíba: ampliando diálogos, o qual pretende propiciar espaços de construções de narrativas étnico-raciais junto aos discentes e docentes da Escola Cidadã Integral Cônego Francisco de Gomes de Lima, localizada no bairro Ernesto Geisel, em João Pessoa, e aos discentes e docentes de diversos cursos da Universidade Federal da Paraíba, sob o viés teórico decolonial (Bernardino-Costa; Maldonado-Torres; Grosfoguel, 2020; Kilomba, 2019; Quijano, 2005), em consonância com a efetivação a lei 10.639/03, este trabalho pretende relatar a vivência de Afroturismo Caminhada Jampa Negra/Rota Sankrota Paraíba, realizada no dia 02 de dezembro de 2024. No centro histórico de João Pessoa, estudantes do 2º Ano A da ECIT Cônego Francisco participaram de uma visita histórica e cultural. Guiados por Felipe Coutinho, exploramos lugares de memória da população negra na construção da cidade, permitindo uma conexão mais profunda com a história e a cultura afro-paraibana. Fizemos caminhada pelo Centro Cultural São Francisco, Ponto de Cem Reis, Igreja da A Misericórdia, Praça Barão do Rio Branco, dentre outros. Encerramos a vivência no Instituto Pompeu, espaço dedicado à educação, à cultura e à cidadania, fundado em 2022, a partir de um grupo de jovens da comunidade do Roger/João Pessoa, com a apresentação alegre do palhaço Folikito, performado pelo artista circense Rafael de Paiva. Em diálogo com a universidade, o ensino básico e os espaços não escolares de educação, a caminhada "Jampa Negra/Rota Sankrota Paraíba" promoveu a valorização das memórias e identidades afro-paraibanas, conforme observado nos relatos de experiências produzidos pelos estudantes do 2o Ano A da escola. Os estudantes identificaram, na prática, a riqueza histórica de João Pessoa, e a contribuição da cidade no processo de construção identitária por meio de narrativas afrocentradas, contribuindo para formação de educandos e educadores antirracistas.



Trabalhos Litetários

Apresentação de Trabalhos Literários

Linguagem, educação e resistência

Lileth Walleska Santos e Santana

Aprovada em uma universidade pública, Luna, uma jovem negra, encara o futuro com incertezas. Sem estrutura familiar ou financeira, ela vê na educação a única chance de superar a fome e a violência que marcaram sua vida. A conquista, celebrada por amigos, revela um abismo entre a sua realidade e a dos colegas, que desfrutam de privilégios inacessíveis a ela. A mudança para outro estado traz novos medos: a fome, adaptação, a solidão. No entanto, a força de Luna reside na memória de seus ancestrais e no apoio de amigos negros, que compartilham a luta contra o racismo estrutural. Na universidade, Luna enfrenta o silenciamento e a invisibilidade, revivendo as dores da colonização. A experiência a leva a refletir sobre o papel da educação antirracista e a importância de professores negros como referência e apoio. Inspirada pela filosofia Ubuntu, Luna busca abrir caminhos para outros como ela, rompendo com a individualidade imposta pelo pensamento colonizador. A jornada de Luna é um testemunho da força da comunidade negra, da importância da identidade e da luta por uma educação que valorize a diversidade e combata o racismo.

Zuê e o caminho de ouro

Andrea Giovanna Araújo da Silva

Um dia, Zuê sonhou com um caminho todo de ouro que ia até a escola. Tudo era muito brilhante e quando as nuvens se afastavam e o sol aparecia, era tanto brilho que ele tinha que fechar os olhos para não doer a vista. O menino ficou muito intrigado com o sonho. Era tudo tão bonito e parecia que era de verdade! Também ficou pensando de onde poderia vir tanto ouro. Muito cansado de pensar e sem ter uma boa resposta, Zuê resolveu conversar com o vô Nuru. Ô vô, por que as pedras do rio são de ouro? O ouro do rio, Zuê, é o caminho de Oxum. Oxum? Sim, Oxum! A força das cachoeiras e das correntezas. A força das cachoeiras e das correntezas, vô? Então ela é a mulher mais forte do mundo todo! Porque quando chove, o rio arrasta tudo, só ficam as árvores fortes e antigas. É a mais forte e a mais bonita também, Zuê.

Ela é a força da beleza. É no reflexo das águas dos rios que Oxum mostra o seu brilho e beleza. É mesmo, vô. Parece um espelho, quando a água fica quietinha e a pessoa olha e vê o próprio rosto, como se fosse um espelho. Então, Zuê, isso é a beleza de Oxum. Mas vô, eu vejo eu mesmo, só aparece o meu próprio rosto. E o vô Nuru, perguntou: E você é bonito, Zuê? E o menino, sorrindo e com o rosto muito alegre, respondeu: Eu sou é lindo, vô! Vô, quando me vejo no espelho da água, me sinto como se eu fosse parte da natureza. Igualzinho às árvores, à água, ao vento e aos peixes. Mas você é Zuê, disse vô Nuru. Vô, acho que Oxum não está feliz! Por que você acha isso, Zuê? perguntou vô Nuru. Porque tem muitos rios que estão poluídos, com um montão de lixo. Vô! Oxum vai morrer? perguntou o menino, já meio triste. Não. Oxum vai lutar! respondeu vô Nuru, com a voz firme e os olhos cheios de lágrimas. Zuê, lembra quando as águas doces das chuvas enchem e transbordam os canais e os rios e tudo alaga? As ladeiras parecem que viram cachoeiras? Sei sim, vô. Então, Zuê. É Oxum. É ela limpando as cidades, deixando a terra aparecer para as plantas crescerem e florirem de novo. É Oxum, é a guardiã da natureza! É a orixá do amor, Zuê. E como toda mãe, quando os filhos destroem as coisas, ela conserta com amor e, depois, com sabedoria e paciência, ensina aos filhos e às filhas o jeito certo de viver, de ser parte da natureza. Ela faz crescer as árvores e bota nelas as frutas doces que comemos. Vô, quando eu crescer quero ser como Oxum! Como Oxum? perguntou vô Nuru. Sim, vô. Sou um ser forte, bonito, amável e cheio de ouro! Cheio de ouro? Tá bem! disse vô Nuru, sorrindo com a franqueza do menino. Ô vô, bora hoje à noite tomar banho de rio? Hoje à noite, Zuê? É vô. Quero ver a lua no espelho de Oxum.